



PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

olhos de cão azul





Obras do autor

O amor nos tempos do cólera
A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile
Cem anos de solidão
Cheiro de goiaba
Crônica de uma morte anunciada
Do amor e outros demônios
Doze contos peregrinos
Os funerais da Mamãe-Grande
O general em seu labirinto
A incrível e triste história de Cândida Erêndira
e sua avó desalmada
Memória de minhas putas tristes
Ninguém escreve ao coronel
Notícia de um sequestro
Olhos de cão azul
O outono do patriarca
Relato de um naufrago
A revoada (O enterro do diabo)
O veneno da madrugada (A má hora)
Viver para contar

Obra jornalística

Vol. 1 – Textos caribenhos (1948-1952)
Vol. 2 – Textos andinos (1954-1955)
Vol. 3 – Da Europa e da América (1955-1960)
Vol. 4 – Reportagens políticas (1974-1995)
Vol. 5 – Crônicas (1961-1984)

Obra infanto-juvenil

A luz é como a água
María dos Prazeres

*A sesta da terça-feira
Um senhor muito velho com umas asas enormes
O verão feliz da senhora Forbes*

Gabriel García Márquez

Prêmio Nobel de Literatura

Olhos de cão azul

Tradução de
REMY GORGA, FILHO

14ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G21o

García Márquez, Gabriel
Olhos de cão azul [recurso eletrônico] / Gabriel
García Márquez ; tradução Remy Gorga Filho. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Record, 2019.
recurso digital
Tradução de: Ojos de pero azul
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-11667-3 (recurso eletrônico)
1. Contos colombianos. 2. Livros eletrônicos. I.
Gorga Filho, Remy. II. Título.

19-55473

CDD: 868.993613
CDU: 82-34(862)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Título original espanhol
OJOS DE PERRO AZUL

Copyright © 1974 by Gabriel García Márquez

Capa e ilustrações: CARYBÉ

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.:
2585-2000 que se reserva a propriedade literária desta
tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11667-3

Seja um leitor preferencial
Record.

Cadastre-se e receba
informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Sumário

A terceira renúncia
A outra costela da morte
Eva está dentro do seu gato
Amargura para três sonâmbulos
Diálogo do espelho
Olhos de cão azul
A mulher que chegava às seis
Nabo, o negro que fez esperar os anjos
Alguém desarruma estas rosas
A noite dos alcaravões
Isabel vendo chover em Macondo

A TERCEIRA RENÚNCIA



Ali estava outra vez esse ruído. Aquele ruído frio, cortante, vertical, que conhecia tanto, mas que agora se mostrava agudo e doloroso, como se, de um dia para o outro, se tivesse desacostumado a ele.

Girava dentro do crânio vazio, surdo e pungente. Uma casa de abelhas se havia levantado nas quatro paredes de sua caveira. Crescia, cada vez mais, em espirais sucessivas, e o golpeava por dentro, fazendo vibrar sua coluna vertebral com uma vibração alterada, desproporcionada com o ritmo certo de seu corpo. Algo se havia desadaptado em sua estrutura material de homem firme; algo que “as outras vezes” havia funcionado normalmente e que agora estava martelando sua cabeça por dentro com um golpe seco e duro, dado por uns ossos de mão descarnada, esquelética, e o fazia recordar todas as sensações amargas da vida. Teve o impulso animal de fechar os punhos e apertar as têmporas cortadas de artérias azuis, roxas, com a firme pressão de sua dor desesperada. Quisera localizar entre as palmas de suas mãos sensíveis o ruído que o estava aturdindo agora com sua ponta aguda de diamante. Um gesto de gato doméstico contraiu seus músculos quando o imaginou perseguido pelos cantos atormentados de sua cabeça quente, dilacerada pela febre. Já ia alcançá-lo. Não. O ruído tinha a pele escorregadiça, intangível, quase. Ele, porém, estava disposto a alcançá-lo com sua estratégia bem aprendida e apertá-lo longa e definitivamente com toda a força do seu desespero. Não permitiria que penetrasse outra vez por seu ouvido; que saísse por sua boca, através de cada um dos seus poros ou por seus olhos, que se desorbitariam à sua passagem e se tornariam cegos olhando a fuga do ruído do fundo de sua dilacerada escuridão. Não permitiria mais que lhe comprimissem seus vidros moídos, suas estrelas de gelo, contra as paredes interiores do crânio. Assim era aquele

ruído: interminável como o golpear da cabeça de um menino contra um muro de concreto. Como todos os golpes duros dados contra as coisas sólidas da natureza. Mas já não o atormentaria mais se pudesse cercá-lo, isolá-lo. Ir talhando contra a própria sombra a figura variável. E agarrá-lo. Apertá-lo, agora sim definitivamente; atirá-lo com todas as forças contra o pavimento e pisoteá-lo com ferocidade até quando não mais pudesse mexer-se verdadeiramente, até quando pudesse dizer, arquejante, que dera morte ao ruído que o atormentava, que o enlouquecia e que agora estava atirado ao chão como qualquer coisa comum, convertido em um morto integral.

Era-lhe, porém, impossível apertar as têmporas. Seus braços se haviam reduzido e eram agora os braços de um anão; uns braços pequenos, gorduchos, adiposos. Tratou de sacudir a cabeça. Sacudiu-a. O ruído apareceu então com maior força, dentro do crânio que se havia endurecido, aumentado, e que se sentia atraído com maior força pela gravidade. Estava pesado e duro aquele ruído. Tão pesado e duro que, por havê-lo alcançado e destruído, tinha tido a impressão de estar desfolhando uma flor de chumbo.

Sentira esse ruído “nas outras vezes”, com a mesma insistência. Sentira, por exemplo, no dia em que morreu pela primeira vez. Quando — à vista de um cadáver — percebeu que era seu próprio cadáver. Olhou-o e se apalpour. Sentia-se intangível, inespacial, inexistente. Ele era verdadeiramente um cadáver, e já estava sentindo, sobre seu corpo jovem e doentio, a passagem da morte. A atmosfera endurecera em toda a casa como se tivesse sido recheada de cimento, e em meio àquele bloco — no qual deixara os objetos como quando era uma atmosfera de ar — estava ele, cuidadosamente colocado dentro do ataúde, de um cimento duro, mas transparente. Aquela vez, em sua cabeça, estava também “esse ruído”. Que distantes e que frias sentia as plantas de seus pés; lá, em outro extremo do ataúde, onde haviam posto um travesseiro, porque o caixão resultaria ainda muito grande e foi preciso ajustá-lo, adaptar o corpo

morto à nova e última veste. Cobriram-no de branco e, ao redor do queixo, amarraram um lenço. Sentiu-se belo envolto em sua mortalha; mortalmente belo.

Estava em seu ataúde, pronto para ser enterrado, e, apesar disso, sabia que não estava morto. Que se tivesse tentado levantar-se, o teria feito com toda a facilidade. Pelos menos “espiritualmente”. Mas não valia a pena. Era melhor deixar-se morrer ali; morrer de “morte”, que era sua enfermidade. Fazia tempo que o médico dissera a sua mãe, secamente:

— Senhora, seu menino tem uma enfermidade grave: está morto. Apesar disso — prosseguiu —, faremos todo o possível para conservar sua vida mais além de sua morte. Conseguiremos que suas funções orgânicas continuem por um complexo sistema de autonutrição. Só variarão as funções motoras, os movimentos espontâneos. Saberemos de sua vida pelo crescimento, que também continuará normalmente. E simplesmente “uma morte viva”. Uma real e verdadeira morte...

Lembrava-se das palavras, um pouco confusas. Talvez não as tenha ouvido nunca e fossem uma criação de seu cérebro quando subia a temperatura, nas crises da febre tifoide.

Quando mergulhava no delírio. Quando lia a história dos faraós embalsamados. Ao subir a febre, ele mesmo se sentia o protagonista dela. Ali começara uma espécie de vazio em sua vida. Desde então não podia distinguir, recordar, quais acontecimentos eram parte do seu delírio e quais os de sua vida real. Por isso, agora duvidava. Talvez o médico nunca tenha falado dessa estranha “morte viva”. É ilógica, paradoxal, simplesmente contraditória. E isso o fazia suspeitar agora que, efetivamente, estava morto de verdade. Que fazia dezoito anos que estava morto.

Desde então — no tempo de sua morte tinha sete anos —, a mãe mandou fazer para ele um ataúde pequeno, de madeira verde; um ataúde para criança, mas o médico ordenou que fizessem um caixão maior, um caixão para um adulto normal, pois aquele, pequeno, podia atrofiar o crescimento e ele viria a ser um morto disforme ou um vivo anormal. Ou a

detenção do crescimento impediria a avaliação da melhora. Em razão daquela advertência, a mãe fez construir um ataúde grande, para um cadáver adulto, e colocou nele três travesseiros nos pés, com o objetivo de ajustá-lo.

Logo, ele começou a crescer dentro do caixão, de tal maneira que, a cada ano, podiam tirar um pouco de lã do último travesseiro, para dar-lhe margem ao crescimento. Tinha passado assim meia vida. Dezoito anos. (Agora teria vinte e cinco.) E alcançara sua estatura definitiva, normal. O carpinteiro e o médico enganaram-se nos cálculos e fizeram o ataúde meio metro maior. Imaginaram que ele teria a estatura do pai, que era um gigante semibárbaro. Mas não aconteceu assim. A única coisa que dele herdou foi a barba cerrada. Uma barba azul, espessa, que a mãe costumava arrumar para vê-lo decentemente dentro do ataúde. Essa barba incomodava-o terrivelmente nos dias de calor.

Havia, porém, algo que o preocupava mais que “esse ruído”! Eram os ratos. Exatamente, quando criança, não havia nada no mundo que o preocupasse mais, que lhe produzisse mais terror que os ratos. E eram exatamente esses animais asquerosos os que foram atraídos pelo cheiro das velas que ardiam a seus pés. Já tinham roído suas roupas e sabia que logo começariam a roê-lo, a comer seu corpo. Um dia pôde vê-los: eram cinco ratos luzidios, escorregadios, que subiam ao caixão pela perna da mesa, e o estavam devorando. Quando a mãe percebesse, não restaria mais dele senão escombros, os ossos duros e frios. O que mais horror lhe causava não era exatamente que os ratos o comessem. Afinal, podia continuar vivendo com o esqueleto. O que o atormentava era o horror inato que sentia por esses animaizinhos. Arrepiava-se só em pensar nesses seres peludos, que percorriam todo seu corpo, que penetravam pelas pregas de sua pele e lhe roçavam os lábios com as patas geladas. Um deles subiu até suas pálpebras e tratou de roer sua córnea. Viu-o grande, monstruoso, na luta desesperada por penetrar-lhe a retina. Acreditou, então, em

uma nova morte e se entregou, todo inteiro, à iminência da vertigem.

Recordou que chegara à maioridade. Tinha vinte e cinco anos e isso significava que não cresceria mais. Suas feições se tornariam firmes, sérias. Quando, porém, estivesse curado não poderia falar de sua infância. Não a tivera. Passou-a morto.

A mãe tivera cuidados meticulosos durante o tempo que durou a transição da infância à puberdade. Preocupou-se com a higiene perfeita do ataúde e do quarto todo. Trocava frequentemente as flores dos vasos e abria as janelas todos os dias para que entrasse ar fresco. Com que satisfação olhou a fita métrica naquele tempo, quando, depois de medi-lo, comprovava que havia crescido vários centímetros. Tinha a satisfação maternal de vê-lo vivo. Assim mesmo, cuidou de evitar a presença de estranhos na casa. Afinal, era desagradável e misteriosa a existência de um morto, por longos anos, em uma residência. Foi uma mulher abnegada. Entretanto, muito cedo começou a decair seu otimismo. Nos últimos anos, viu-a olhar com tristeza a fita métrica. Seu menino já não crescia mais. Nos últimos meses, não progrediu um milímetro sequer. A mãe sabia que agora ia ser difícil encontrar a maneira de notar a presença da vida em seu morto querido. Temia que uma manhã amanhecesse “realmente” morto e talvez por isso, naquele dia, ele pôde observar que se aproximava de seu caixão, discretamente, e cheirava seu corpo. Caíra em uma crise de pessimismo. Ultimamente descuidou-se das atenções e já nem sequer tinha a precaução de levar a fita métrica. Sabia que já não cresceria mais.

E ele sabia que agora estava “realmente” morto. Sabia-o por aquela aprazível tranquilidade com que o seu organismo se deixava levar. Tudo havia mudado intempestivamente. As pulsações imperceptíveis, que só ele podia perceber, tinham agora se desvanecido de seu pulso. Sentia-se pesado, atraído por uma força exigente e poderosa em relação à primitiva substância da terra. A força da gravidade parecia atraí-lo

agora com um poder irrevogável. Estava pesado como um cadáver positivo, inegável. Estava, porém, mais descansado assim. Nem sequer tinha de respirar para viver sua morte.

Imaginariamente, sem se tocar, percorreu um a um cada um de seus membros. Ali, sobre um travesseiro duro, estava sua cabeça levemente voltada para a esquerda. Imaginou sua boca entreaberta pela delgada brisa de frio que lhe enchia a garganta de granizo. Estava cortado como uma árvore de vinte e cinco anos. Talvez tivesse tentado fechar a boca. O lenço que amarrara seu queixo estava frouxo. Não pôde ajeitar-se, compor-se, assumir uma “pose” pelo menos, para parecer um morto decente. Já os músculos, os membros, não respondiam como antes, pontuais ao chamado do seu sistema nervoso. Já não era aquele de dezoito anos atrás, um menino normal que podia mexer-se à vontade. Sentiu os braços caídos, tombados para sempre, apertados contra as paredes acolchoadas do ataúde. O ventre duro como uma casca de noqueira. E mais além, as pernas íntegras, exatas, complementando sua perfeita anatomia de adulto. O corpo repousava pesada mas agradavelmente, sem nenhum mal-estar, como se o mundo houvesse parado de repente e ninguém interrompesse o silêncio; como se todos os pulmões da terra tivessem deixado de respirar para não interromper a leve quietude do ar. Sentia-se feliz como um menino, de barriga para cima, sobre a grama fresca e densa, contemplando uma nuvem alta que se afasta pelo céu da tarde. Era feliz, embora soubesse que estava morto, que repousava para sempre no caixão recoberto de seda artificial. Tinha uma grande lucidez. Não era como antes, depois de sua primeira morte, quando se sentiu obtuso, estúpido. As quatro velas que tinham posto à sua volta, e que eram renovadas a cada três meses, começavam a consumir-se de novo; exatamente quando iam se tornar indispensáveis. Sentiu a vizinhança da frescura nas violetas úmidas que a mãe levava naquela manhã. Sentiu-a nas açucenas, nas rosas. Toda aquela terrível realidade, porém, não lhe causava

nenhuma inquietação; pelo contrário, era feliz ali, só com sua solidão. Sentiria medo depois?

Talvez. Era duro pensar no momento em que o martelo batesse nos pregos sobre a madeira nova e fizesse ranger o ataúde na esperança certa de voltar a ser árvore. O corpo, atraído agora com maior força pelo imperativo da terra, ficaria inclinado em um fundo úmido, argiloso e macio, e lá em cima, sobre quatro metros cúbicos, se iriam apagando as últimas batidas dos coveiros. Não. Também ali não sentiria medo. Isso seria o prolongamento de sua morte, o prolongamento mais natural de seu novo estado.

Já não restaria nem um grau de calor em seu corpo, sua medula estaria fria para sempre e umas estrelinhas de gelo penetrariam até o tutano de seus ossos. Que bem se acostumaria à nova vida de morto! Um dia — no entanto — sentirá que se desmorona seu sólido esqueleto; e quando tratar de mencionar, de examinar cada um de seus membros, não os encontrará. Sentirá que não tem forma exata definida, e saberá resignadamente que perdeu sua perfeita autonomia de vinte e cinco anos e que se converteu num punhado de pó sem forma, sem definição geométrica.

Na poeira bíblica da morte. Talvez sinta, então, um ligeiro pesar; pesar por não ser um cadáver formal, anatômico, mas um cadáver imaginário, abstrato, construído unicamente na recordação esmaecida de seus parentes. Saberá, então, que vai subir pelos vasos capilares de uma macieira e despertar mordido pela fome de um menino numa manhã outonal. Saberá, então — e isso sim o entristecia —, que perdeu sua unidade: que já não é — sequer — um morto ordinário, um cadáver comum.

A última noite ele a passou feliz, na solitária companhia do próprio cadáver.

No dia seguinte, porém, ao penetrarem os primeiros raios de sol morno pela janela aberta, sentiu que sua pele amolecera. Observou um momento. Quieto, rígido. Deixou que o ar corresse sobre o seu corpo. Não pôde duvidar: ali estava o “cheiro”. Durante a noite a cadaverina começara a

produzir seus efeitos. O organismo começara a se decompor, a apodrecer, como o corpo de todos os mortos. O “cheiro” era, indiscutivelmente, um cheiro inconfundível de carne passada, que desaparecia e voltava depois ainda mais penetrante. O corpo se decompusera com o calor da noite anterior. Sim. Estava apodrecendo. Dentro de poucas horas viria a mãe para mudar as flores e desde a entrada a emanção da carne decomposta a fustigaria. Então, sim, seria levado a dormir sua segunda morte entre os outros mortos.

Logo, porém, o medo lhe deu uma punhalada pelas costas. O medo! que palavra tão funda, tão significativa! Agora tinha medo, um medo “físico”, verdadeiro. A que se devia? Ele o compreendia perfeitamente e estremecia-lhe a carne: provavelmente não estava morto. Meteram-no ali, nesse caixão que agora sentia perfeitamente macio, acolchoado, terrivelmente cômodo; e o fantasma do medo abriu-lhe a janela da realidade: iam enterrá-lo vivo!

Não podia estar morto, porque tinha noção exata de tudo; da vida que girava à sua volta, murmurante. Do cheiro tépido dos heliotropos que penetrava pela janela aberta e se confundia com o outro “cheiro”. Tinha perfeita noção do lento cair da água no tanque. Do grilo que ficara no canto e continuava cantando, acreditando que ainda durava a madrugada.

Tudo negava sua morte. Tudo menos o “cheiro”. Como podia, porém, saber que esse cheiro era seu? Talvez a mãe esquecera, no dia anterior, de trocar a água dos vasos, e as hastes estavam apodrecendo. Ou talvez o rato, que o gato arrastara até o quarto, se decompusera com o calor. Não. O “cheiro” não podia ser do seu corpo.

Até uns momentos atrás estava feliz com sua morte, porque acreditava estar morto. Porque um morto pode ser feliz com sua situação irremediável. Um vivo, porém, não se pode resignar a ser enterrado vivo. No entanto, seus membros não respondiam ao seu chamado. Não podia expressar-se e era isso o que lhe causava terror; o maior

terror de sua vida e de sua morte. Seria enterrado vivo. Poderia sentir. Perceber o momento em que pregassem o caixão. Sentiria o vazio do corpo suspenso nos ombros dos amigos, enquanto sua angústia e seu desespero se avolumariam a cada passo do cortejo.

Inutilmente trataria de se levantar, de chamar com todas as suas forças desfalecidas, de bater por dentro do ataúde escuro e estreito, para que soubessem que ainda vivia, que iam enterrá-la vivo. Seria inútil; também ali seus membros não responderiam ao urgente e último chamado do seu sistema nervoso.

Ouviu ruídos na peça contígua. Estaria adormecido? Teria sido um pesadelo toda essa vida de morto? Mas o ruído da baixela não continuou. Ficou triste e talvez isso o tenha desagradado. Gostaria que todas as baixelas do mundo se quebrassem de um só golpe, ali a seu lado, para despertar por uma causa exterior, já que sua vontade havia fracassado.

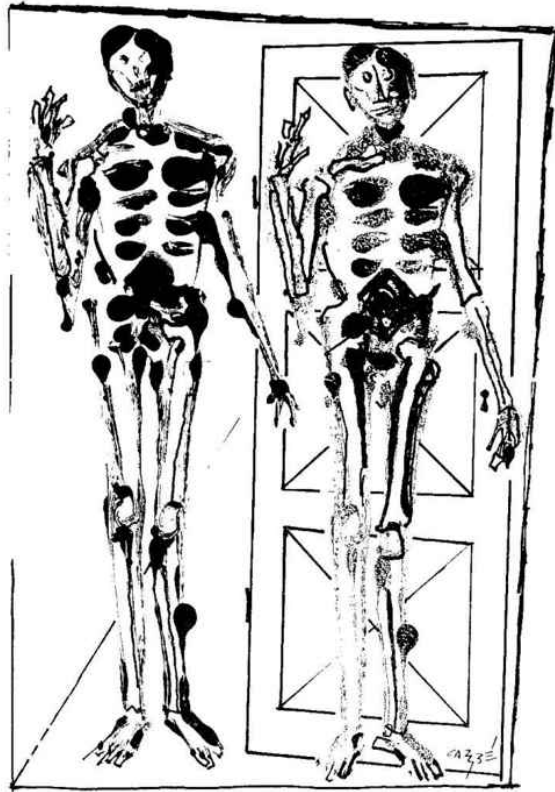
Mas não. Não era um sonho. Estava certo de que se fosse um sonho não teria falhado a última tentativa de voltar à realidade. Ele já não despertaria mais. Sentia a maciez do ataúde e o “cheiro” voltara agora com maior intensidade; com tanta intensidade que já duvidava de que fosse o próprio cheiro. Gostaria de ver ali seus parentes antes que começasse a se desfazer e o espetáculo da carne putrefata lhes produzisse asco. Os vizinhos fugiriam espantados do féretro com um lenço na boca. Cuspiriam. Não. Isso não. Era melhor que o enterrassem. Era preferível sair “disso” quanto antes. Ele mesmo queria agora desfazer-se do próprio cadáver. Sabia agora que estava verdadeiramente morto, ou ao menos inapreciavelmente vivo. Dava no mesmo. De todos os modos, persistia o “cheiro”.

Resignado, ouviria as últimas orações, os últimos latinórios mal respondidos pelos acólitos. O frio cheio de pó e de ossos do cemitério penetrará até seus ossos e talvez dissipe um pouco esse “cheiro”. Talvez — quem sabe? — a iminência do momento possa fazê-lo sair dessa letargia. Quando se sentir nadando no próprio suor, em uma água

viscosa, espessa, como esteve nadando antes de nascer, no útero da mãe. Talvez então esteja vivo.

Estará, porém, já tão resignado a morrer que talvez morra de resignação.

A OUTRA COSTELA DA MORTE



Sem saber por que, despertou sobressaltado. Um acre cheiro a violeta e a formaldeído vinha, vigoroso e livre, do outro quarto, confundir-se com o aroma de flores recém-abertas que o jardim amanhecendo enviava. Procurou acalmar-se, recobrar aquele ânimo que, bruscamente, perdera no sonho. Devia ser já madrugada, porque fora, na horta, começara a cantar o esguicho entre os legumes e o céu era azul pela janela aberta. Examinou de novo o sombrio quarto, tratando de compreender aquele despertar brusco, esperado. Tinha a impressão, a certeza *física* de que alguém entrara enquanto ele dormia. Apesar disso, estava só, e a porta, fechada por dentro, não dava mostra alguma de violência. Acima do ar da janela despertava um luzeiro. Permaneceu quieto um momento, como se procurasse afrouxar a tensão nervosa que o empurrara até à superfície do sono, e fechando os olhos, de barriga para cima, começou a procurar novamente o fio rompido da serenidade. O sangue, em golfadas, desprende-se de sua garganta enquanto, mais além, no peito, impacientava-se vigorosamente o coração, marcando, marcando um ritmo acentuado e ligeiro como se viesse de uma corrida desenfreada. Mentalmente, examinou de novo os minutos anteriores. Quem sabe foi um sonho estranho. Podia ser um pesadelo. Não. Não havia nada de particular, nenhum motivo de sobressalto “nisso”.

Iam em um trem — agora posso recordá-lo — através de uma paisagem — este sonho eu tive frequentemente — de naturezas-mortas, semeada de árvores artificiais, falsas, frutificando navalhas, tesouras e outros diversos — agora me lembro que devo cortar o cabelo — instrumentos de barbearia. Esse sonho ele o tivera frequentemente, mas nunca lhe produziu esse sobressalto. Atrás de uma árvore estava seu irmão, o outro, seu gêmeo, o que fora enterrado naquela tarde, gesticulando — isto me aconteceu alguma vez

na vida real — para que fizesse parar o trem. Convencido da inutilidade de sua mensagem, começou a correr atrás do vagão até que caiu, arquejante, com a boca cheia de espuma. Certamente era seu sonho absurdo, irracional, mas que não justificava, de modo algum, esse despertar desassossegado. Fechou os olhos novamente, com as fontes golpeadas ainda pela corrente de sangue que lhe subia firme como um punho fechado. O trem penetrou em uma geografia árida, estéril, aborrecida, e a dor que sentiu na perna esquerda fez com que desviasse a atenção da paisagem. Observou que tinha — não devo continuar usando estes sapatos apertados — um tumor no dedo do meio do pé. De maneira natural, e como se estivesse acostumado a isso, tirou do bolsinho uma chave de fenda e com ela extraiu a cabeça do tumor. Depositou-a cuidadosamente em uma caixinha azul — veem-se as cores no sonho? — e pela cicatriz viu aparecer o fim de um cordão gorduroso e amarelo. Sem se alterar, como se tivesse esperado a presença desse cordão, puxou-o lentamente, com cuidadosa exatidão. Era uma tira longa, muito longa, que surgia espontaneamente, sem desconforto nem dor. Um segundo depois, levantou o olhar e viu que o vagão tinha sido desocupado e que só, em outro compartimento do trem, estava o irmão, vestido de mulher, diante de um espelho, procurando extrair o olho esquerdo com umas tesouras.

Realmente, desgostava-o aquele sonho, mas não podia explicar-se por que lhe alterava a circulação, se nas vezes anteriores, quando os pesadelos eram horripilantes, conseguira manter a serenidade. Sentiu as mãos frias. O cheiro a violetas e formaldeído persistia e se tornava desagradável, quase agressivo. Com os olhos fechados, procurando abrandar o ritmo acelerado da respiração, procurou buscar um tema trivial para mergulhar, outra vez, no sonho que se interrompera minutos antes. Podia pensar, por exemplo, que dentro de três horas tenho que ir à agência funerária para cancelar a encomenda. No canto, um grilo tresnoitado alçou o guizo e encheu o quarto com sua garganta aguda, cortante. A tensão nervosa começou a ceder

lenta mas eficazmente, e antecipou, outra vez, a frouxidão, a lassidão dos músculos, sentiu-se derreado sobre a colcha macia e encorpada, enquanto o corpo, leve, tênue, traspassado por uma doce sensação de beatitude e cansaço, ia perdendo consciência de sua própria estrutura material, dessa substância terrena, pesada, que o definia, que o situava numa zona inconfundível e exata da escala zoológica, e suportava, em sua difícil arquitetura, toda uma soma de sistemas, de órgãos definidos geometricamente, que o elevavam à arbitrária hierarquia dos animais racionais. As pálpebras, dóceis agora, caíam sobre a córnea com a mesma naturalidade com que os braços e as pernas se confundiam em um conjunto de membros que, lentamente, foram perdendo independência; como se todo o organismo se houvesse confundido em um só órgão grande, total, e ele — o homem — tivesse deixado suas raízes mortais para penetrar em outras raízes mais fundas e firmes: nas raízes eternas de um sono integral e definitivo. Ouviu que fora, do outro lado do mundo, o canto do grilo ia enfraquecendo até desaparecer de seus sentidos, que tinham voltado para dentro, submergindo-o em uma nova e descomplicada noção de tempo e espaço; apagando a presença desse mundo material, físico e doloroso, cheio de insetos e de acres odores de violetas e formaldeídos.

Agradavelmente, envolto no túbio clima de serenidade cobiçada, sentiu a leviandade de sua morte artificial e diária. Mergulhou numa amável geografia, num mundo fácil, ideal; um mundo como desenhado por um menino, sem equações algébricas, sem despedidas amorosas e sem forças de gravidade.

Não podia precisar quanto tempo esteve assim, entre essa nobre superfície de sonhos e realidades; mas recordava que bruscamente, como se lhe tivessem cortado a garganta com uma facada, deu um pulo no leito e sentiu que o irmão gêmeo, o irmão morto, estava sentado na beira da cama.

Outra vez, como antes, o coração foi um punho que lhe veio à boca e o empurrou a pular. A luz nascente, o grilo que

continuava moendo a solidão com seu realejo desafinado, o ar fresco que subia do universo do jardim, tudo contribuiu a fazê-lo voltar novamente ao mundo real; mas desta vez podia compreender a que se devia o seu sobressalto. Durante os breves minutos de sonolência, e — agora percebo — durante toda a noite, quando acreditou ter um sonho agradável, simples, *sem pensamentos*, a memória se fixara em uma só imagem, constante, invariável; em uma imagem *autônoma*, que se impunha ao seu pensamento apesar da vontade e da resistência do próprio pensamento. Sim. Quase sem que ele o notasse, “esse” pensamento foi se apoderando dele, enchendo-o, habitando-o todo, convertendo-se em um pano de fundo que permanecia fixo atrás dos outros pensamentos, constituindo o suporte, a vértebra definitiva no drama mental de seu dia e de sua noite. A ideia do cadáver do irmão gêmeo cravara-se em todo o centro da vida. E agora, quando lá já o haviam deixado, em sua parcela de terra, com as pálpebras estremecidas de chuva, agora *tinha medo* dele.

Nunca acreditou que o golpe seria tão forte. Pela janela entreaberta voltou a entrar o cheiro, confundido agora com outro cheiro a terra úmida, a ossos submersos, e seu olfato saiu-lhe ao encontro regozijado, com uma tremenda alegria de homem irracional. Muitas horas já se tinham passado desde o momento em que o *viu* retorcer-se como um cão malferido debaixo dos lençóis, uivando, mordendo esse grito último que lhe enchia a garganta de sal; procurando rasgar com as unhas a dor que *lhe* subia pelas costas até às raízes do tumor. Não podia esquecer *seus* estertores de animal agonizante, rebelde diante da verdade que se levantara à sua frente, que se amarrara a *seu* corpo com tenacidade, com uma constância imperturbável, definitivamente como a própria morte. Ele o viu nos últimos momentos de *sua* agonia bárbara. Quando quebrou as unhas contra as paredes, arranhando esse último pedaço de vida, que se esvaía por entre os dedos, que se dessangrava, enquanto a gangrena *metia-se-lhe* pelo costado como uma mulher implacável. Viu-o depois desabar sobre o leito desfeito, com um mínimo de

cansaço resignado, suarento, quando os dentes cheios de espuma mostraram ao mundo um sorriso horrível, monstruoso, e a morte começou a correr pelos ossos como um rio de cinzas.

Foi então quando pensei no tumor que deixara de lhe doer no ventre. Imaginei-o redondo — agora sentiu ele a mesma sensação —, inchado como um sol interior, insuportável como um inseto amarelo que alargava seus filamentos viciados até o fundo dos intestinos. (Sentiu que as vísceras se desajustavam como ante a iminência de uma necessidade fisiológica.) Talvez eu tenha, algum dia, um tumor como o seu. No princípio será uma esfera pequena, mas crescente, que se irá ramificando, ampliando-se dentro do meu ventre como um feto. Provavelmente eu o sinta quando começar a se mexer, a deslocar-se para dentro com uma fúria de menino sonâmbulo, transitando por meus intestinos, cego — levou as mãos ao estômago para conter a dor aguda —, com as mãos ansiosas estendidas para a sombra, buscando a matriz tibia, o útero hospitaleiro que não há de encontrar nunca; enquanto suas cem patas de animal fantástico irão se enredando em um longo e amarelo cordão umbilical. Sim. Talvez eu — o estômago —, como este irmão que acaba de morrer, tenha um tumor na raiz das vísceras. O cheiro que o jardim mandara voltava agora forte, repugnante, envolto em uma baforada nauseabunda. O tempo parecia ter-se detido à beira da madrugada. Contra o vidro, o luzeiro estava coalhado, enquanto a peça vizinha, onde toda a noite anterior estive o cadáver, continuava empurrando sua forte mensagem de formaldeído. Era, certamente, um cheiro distinto ao do jardim. Este era um cheiro mais angustioso, mais específico que esse confuso cheiro das flores desiguais. Um cheiro que sempre, depois de conhecido, relacionou com os cadáveres. Era o cheiro glacial e exuberante que lhe deixou o aldeído fórmico dos anfiteatros. Pensou no laboratório. Lembrou-se das vísceras conservadas em álcool absoluto; nas aves dissecadas. Um coelho saturado de formol fica com a carne dura, desidrata-se e perde sua dócil

elasticidade até converter-se em um coelho perpétuo, eternizado. Formaldeído. De onde virá este cheiro? *A única maneira de conter a podridão.* Se nós homens *tivéssemos* formol nas veias, *seríamos* como as peças anatômicas mergulhadas em álcool absoluto.

Ouviu, lá fora, o golpear da chuva crescente que vinha martelando os vidros da janela entreaberta. Um ar fresco, alegre e novo, entrou carregado de umidade. O frio das mãos intensificou-se, fazendo-o sentir a presença do formol nas artérias; como se a umidade do pátio lhe houvesse penetrado até os ossos. Umidade. “Lá” há muita umidade. Pensou com certo desgosto nas noites de inverno, em que a chuva traspassará a erva e a umidade irá dormir sobre as costas de seu irmão, circular seu corpo como uma corrente concreta. Parecia-lhe que os mortos tinham necessidade de outro sistema circulatório que os fosse precipitando até outra morte irremediável e última. Nesse momento desejava que não chovesse mais, que o verão fosse uma estação eterna e dominante. Pelo que estava pensando, desgostava-lhe a persistência desse matraquear úmido sobre os vidros. Queria que o barro dos cemitérios fosse seco, sempre seco, porque o inquietava pensar que depois de quinze dias, quando a umidade comesse a correr-lhe pelo tutano, já não haverá outro homem igual, exatamente igual a ele debaixo da terra.

Sim. *Eles* eram dois irmãos gêmeos, iguais, que à primeira vista ninguém podia diferenciar. Antes, quando os dois estiveram vivendo suas vidas separadas, não eram senão dois *irmãos gêmeos*, simples e afastados como dois homens diferentes. *Espiritualmente* não havia nenhum ponto comum entre eles. Mas agora, quando a rigidez, a terrível realidade que lhe subia pelas costas como um animal invertebrado, algo se dissolvera em sua atmosfera integral, algo que se pronunciava como um vazio, como se às suas costas se houvesse aberto um precipício, ou como se, bruscamente, lhe houvesse sido cerceada, com uma machadada, a metade do corpo; não desse corpo igual, anatômico, submetido a uma perfeita definição geométrica; não desse corpo físico que

agora sentia medo, mas de outro corpo que vinha mais além do seu, que estivera com ele afundado na noite líquida do ventre materno e voltava às origens com ele pelos ramos de uma genealogia antiga; que esteve com ele no sangue de seus quatro pares de bisavós e veio de mais distante, do princípio do mundo, sustentando com seu peso, com sua misteriosa presença, todo o equilíbrio universal. Podia ser que ele estivesse com o sangue de Isaac e Rebeca, que fosse seu outro irmão o que nasceu pegado a seu calcanhar e que veio dando tombos, de geração em geração, noite a noite, de beijo em beijo, de amor em amor, descendo por artérias e testículos até chegar, como em uma viagem noturna, à matriz de sua mãe recente. O misterioso itinerário ancestral apresentava-se-lhe agora doloroso e verdadeiro, agora que se rompera o equilíbrio e a equação se resolvera definitivamente. Sabia que algo faltava à sua harmonia pessoal, à sua integridade formal e cotidiana: *Jacó se libertara irremediavelmente dos seus tornozelos!*

Durante os dias em que seu irmão esteve enfermo não teve esta sensação, porque o rosto extenuado, transfigurado pela febre e a dor, com a barba crescida, diferenciara-se bastante do seu.

Mas tão logo ficou imóvel, estendido sobre sua morte total, chamou um barbeiro para que “arranjasse” o cadáver. Ele esteve presente, encostado à parede, quando chegou o homem vestido de branco e armado com o limpo instrumental de sua profissão... Com a precisão de um mestre, cobriu de espuma a barba do morto — a boca espumosa. Assim eu o vi antes de morrer — e, lentamente, como quem vai revelando um segredo tremendo, começou a barbeá-lo. Foi então quando o assaltou “essa” ideia horrível. À medida que, à passagem da navalha, surgia o rosto pálido e terroso do irmão gêmeo, ia sentindo que aquele cadáver não era *uma coisa* estranha a ele, mas que era feito de sua própria substância terrena, que era sua própria repetição... Sentia a estranha sensação de que seus parentes tinham extraído do espelho a sua imagem, a que ele via refletida

quando se barbeava. Agora que essa imagem correspondia a cada um de seus movimentos, tornara-se independente. Ele a tinha visto barbear-se outras vezes, todas as manhãs. Mas assistia à dramática experiência de que outro homem estivesse cortando a barba à imagem do seu espelho, prescindindo de sua própria presença física. Teve a certeza, a segurança de que se naquele momento se aproximasse de um espelho o encontraria em branco, embora a física não encontrasse uma explicação exata para aquele fenômeno. Era a consciência do desdobramento! Seu double era um cadáver! Desesperado, procurando reagir, apalpou a parede firme que lhe subiu pelo tato como uma corrente de segurança. O barbeiro terminou seu trabalho e, com a ponta das tesouras, fechou as pálpebras do cadáver. A noite lhe ficou tremendo dentro, na irrevogável solidão do corpo despedaçado. Assim eram iguais. Dois irmãos idênticos, inquietadoramente repetidos.

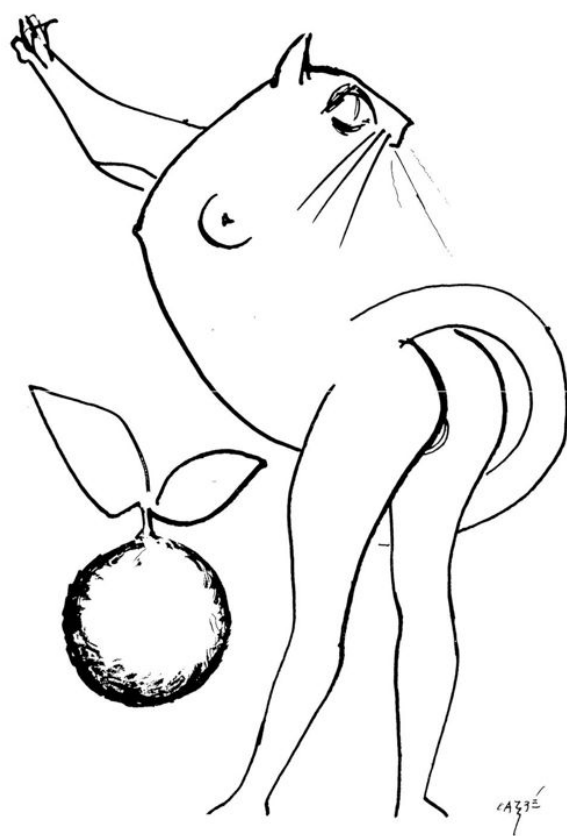
Foi então, ao observar quão intimamente ligadas que estavam essas duas naturezas, quando pensou que algo extraordinário, inesperado, aconteceria. Imaginou que a separação dos dois corpos no espaço não era mais que aparente quando, em realidade, ambos tinham uma certeza única, total. Talvez quando a decomposição orgânica chegar ao morto, ele, o vivo, comece a apodrecer também dentro de seu mundo animado.

Ouviu que a chuva começou a gotejar com maior força sobre os vidros e que o grilo se calou de repente. Suas mãos estavam agora intensamente frias, com uma longa frieza desumana. O cheiro a formaldeído, acentuado, fez com que pensasse na possibilidade de se conduzir à podridão que o irmão gêmeo lhe comunicava de lá, do seu gelado pedaço de terra. Isso é absurdo! Talvez o fenômeno seja inverso: a influência devia exercê-la ele, que permanecia com vida, com sua energia, com sua célula vital! Quem sabe — neste plano —, tanto ele como seu irmão permaneçam intactos, sustentando um equilíbrio entre a vida e a morte para defender-se da putrefação. Mas quem podia assegurá-lo? Não

seria possível, assim mesmo, que o irmão sepultado continuasse incorruptível enquanto a podridão invadia o vivo com seus polvos azuis?

Pensou que a última hipótese era a mais provável e se resignou a esperar a chegada de sua hora tremenda. Sua carne se fizera suave, adiposa, e ele acreditou sentir que uma substância azul o cobria por inteiro. Cheirou para baixo a chegada de seus próprios cheiros corporais, mas só o formol da peça vizinha agitou suas membranas olfativas com um estremecimento gelado, inconfundível. Nada o preocupou depois. Em seu canto, o grilo tratou de reiniciar a cantilena, enquanto uma gota grossa e perfeita começou a infiltrar-se pelo teto em todo o centro do quarto. Ouviu-a cair sem surpresa, porque sabia que nesse lugar a madeira estava envelhecida, mas imaginou aquela gota formada por uma água fresca, boa e amiga, que vinha do céu, de uma vida melhor, mais larga e menos cheia de fenômenos idiotas, como o amor ou como a digestão e o ser gêmeo. Talvez essa gota fosse encher o quarto dentro de uma hora ou dentro de mil anos, e dissolver essa armadura mortal, essa substância vã que talvez — por que não? — dentro de breves instantes não seria já senão uma pastosa mistura de albumina e de soro. Agora tudo era igual. Entre ele e sua tumba só se interpunha sua própria morte. Resignado, ouviu a gota, grossa, pesada, perfeita, que golpeava no outro mundo, no mundo equivocado e absurdo dos animais racionais.

EVA ESTÁ DENTRO DO SEU GATO



De repente notou que sua beleza desabara, essa beleza que chegou a lhe doer fisicamente como um tumor ou como um câncer. Ainda recordava o peso desse privilégio, que levou sobre o corpo durante a adolescência, e que agora deixara cair — quem sabe onde — com um cansaço resignado, com um último gesto de animal decadente. Era impossível continuar suportando essa carga por mais tempo. Tinha que deixar em alguma parte esse inútil adjetivo de sua personalidade; esse pedaço do próprio nome que, à força de acentuar-se, chegara a sobrar. Sim; tinha que abandonar a beleza em alguma parte; na virada de uma esquina, em um canto suburbano. Ou deixá-la esquecida no guarda-roupa de algum restaurante de segunda classe, como um velho abrigo inútil. Estava cansada de ser o centro de todas as atenções, de viver assediada pelos olhos compridos dos homens. À noite, quando cravava em suas pálpebras os alfinetes da insônia, desejara ser uma mulher comum, sem atrativos. Dentro das quatro paredes do seu quarto tudo lhe era hostil. Desesperada, sentia prolongar-se a vigília debaixo da pele, pela cabeça, impelindo a febre para cima, para a raiz do cabelo. Era como se suas artérias estivessem povoadas por uns insetos diminutos e quentes que, com a proximidade da madrugada, diariamente, despertavam e percorriam, com patas movediças, em uma dilacerante aventura subcutânea, esse pedaço de barro frutificado onde se localizara sua beleza anatômica. Em vão lutava por afugentar aqueles animais terríveis. Não podia. Eram parte do próprio organismo. Estiveram ali, vivos, muito antes de sua existência física. Vinham do coração de seu pai, que os alimentara dolorosamente em suas noites de solidão desesperada. Ou talvez tenham desembocado em suas artérias pelo cordão que a trouxe atada à mãe desde o princípio do mundo. Era indiscutível que esses insetos não haviam nascido

espontaneamente dentro de seu corpo. Ela sabia que vinham de longe, que todos os que usaram seu sobrenome tiveram que suportá-los, que tiveram de sofrê-los como ela quando a insônia se tornava invencível até a madrugada. Eram esses insetos os mesmos que pintavam esse gesto amargo, essa tristeza inconsolável no rosto de seus antepassados. Ela os vira olhar de sua apagada existência, de seu retrato antigo, vítimas dessa mesma angústia. Ainda recordava o rosto inquietante da bisavó que, de sua tela envelhecida, pedia um minuto de descanso, um segundo de paz a esses insetos que lá, nos canais de seu sangue, continuavam martirizando-a e embelezando-a impiedosamente. Não; esses insetos não eram seus. Vinham se transmitindo de geração a geração, sustentando com diminuta armadura todo o prestígio de uma casta seleta, dolorosamente seleta. Esses insetos nasceram no ventre da primeira mãe que teve uma bela filha. Mas era necessário, urgente, deter essa herança. Alguém tinha que renunciar a continuar transmitindo essa beleza artificial. De nada valia às mulheres de sua estirpe admirarem a si mesmas ao voltarem do espelho, se durante as noites esses animais faziam seu trabalho lento e eficaz, sem descanso, com uma constância de séculos. Já não era uma beleza, era uma enfermidade que era preciso deter, que era preciso cortar de forma enérgica e radical.

Ainda recordava as horas intermináveis naquele leito semeado de agulhas quentes. Aquelas noites em que ela procurava empurrar o tempo para que, com a chegada do dia, essas bestas deixassem de doer. De que servia uma beleza assim? Noite a noite, mergulhada em seu desespero, pensava que mais lhe valeria ser uma mulher vulgar, ou ser homem; mas não ter essa virtude inútil, alimentada por insetos de remotas origens, que estavam precipitando a chegada irrevogável da morte. Talvez fosse feliz se tivesse a mesma deselegância, essa mesma feiura desolada de sua amiga tcheco-slovaca que tinha nome de cão. Melhor lhe fora ser feia, para ter um sono agradável como o de qualquer cristão.

Amaldiçoou seus antepassados. Eles tinham a culpa de sua vigília. Eles, que haviam transmitido essa beleza invariável, perfeita, como se depois de mortas as mães sacudissem e renovassem as cabeças para enxertá-las nos troncos das filhas. Era como se a mesma cabeça, uma só cabeça, viesse transmitindo-se, com as mesmas orelhas, com igual nariz, com idêntica boca, com sua lenta inteligência, em todas as mulheres, que teriam de recebê-la irremediavelmente como um doloroso patrimônio de beleza. Era ali, na transmissão da cabeça, de onde vinha esse micróbio eterno que, através das gerações, se acentuava, tomara personalidade, força, até converter-se em um ser invencível, em uma enfermidade incurável, que ao chegar a ela, depois de ter passado por um complicado processo de censura, já nem podia suportar-se e era amarga e dolorosa... Exatamente como um tumor ou como um câncer.

Nessas horas de vigília é que se lembrava das coisas desagradáveis à sua fina sensibilidade. Recordava esses objetos que constituíam o universo sentimental onde foram cultivados, como em um caldo químico, aqueles micróbios desesperantes. Nessas noites, com os redondos olhos abertos e assombrados, suportava o peso da escuridão que caía sobre as suas fontes como um chumbo derretido. À sua volta dormiam todas as coisas. E de seu canto, ela procurava repassar, para enganar o sono, as recordações infantis.

Essa recordação, porém, sempre terminava com um terror pelo desconhecido. Seu pensamento, depois de vagar pelos escuros cantos da casa, sempre se encontrava frente a frente com o medo. Então começava a luta. A verdadeira luta contra três inimigos irreduzíveis. Não poderia — não, não poderia jamais — sacudir o medo de sua cabeça. Tinha que suportá-lo apertado à garganta. E tudo por viver nesse casarão antigo, por dormir só naquele canto, separado do resto do mundo.

Seu pensamento ia sempre pelos úmidos corredores escuros, sacudindo dos retratos o pó seco coberto de teias de aranha. Esse pó inquietante e terrível que caía de cima, desse

lugar em que se desfaziam os ossos de seus antepassados. Invariavelmente se lembrava do “menino”. Lá o imaginava, sonâmbulo, debaixo da grama, no pátio, junto à laranjeira, com um punhado de terra molhada dentro da boca. Parecia vê-lo em seu fundo argiloso, cavando para cima com as unhas, com os dentes, fugindo ao frio que lhe mordida as costas; procurando a saída do pátio por esse pequeno túnel onde o meteram com os caracóis. No inverno ouvia-o chorar com seu pequeno pranto, sujo de barro, traspassado pela chuva. Imaginava-o inteiro. Tal como o haviam deixado cinco anos atrás, naquele buraco cheio de água. Não podia pensar que se decompusera. Ao contrário, devia estar belíssimo navegando nessa água espessa, como em uma viagem sem saída. Ou o via vivo, mas assustado, medroso por sentir-se só, enterrado em um pátio tão sombrio. Ela mesma se opusera a que o deixassem ali, debaixo da laranjeira, tão perto da casa. Tinha medo. Sabia que nas noites em que a perseguisse a vigília ele o adivinharia. Regressaria pelos amplos corredores a pedir-lhe que o acompanhasse, a pedir-lhe que o defendesse desses outros insetos que estavam comendo a raiz de suas violetas. Voltaria para que o deixasse dormir a seu lado como quando era vivo. Ela tinha medo de senti-lo de novo a seu lado, depois de ter pulado o muro da morte. Tinha medo de roubar essas mãos que “o menino” traria sempre fechadas para aquecer seu pedacinho de gelo. Ela queria, depois que o viu convertido em cimento, como a estátua do medo caída sobre o limo, queria que o levassem longe para não o recordar à noite. E, apesar disso, haviam-no deixado ali, onde agora estava imperturbável, desprezível, alimentando seu sangue com o barro das minhocas. E ela tinha que se resignar a vê-lo regressar do seu fundo das trevas. Por que sempre, invariavelmente, quando perdia o sono, punha-se a pensar no “menino”, que a devia estar chamando, do seu pedaço de terra, para que o ajudasse a fugir dessa morte absurda.

Mas agora, em sua nova vida temporal, e inespacial, estava mais tranquila. Sabia que lá, fora do seu mundo, tudo

continuava marchando com o mesmo ritmo de antes; que seu quarto devia estar ainda sumido na madrugada, e que suas coisas, seus móveis, seus treze livros favoritos, permaneciam em seu posto. E que em seu leito, desocupado, mal começava a desvanecer-se o aroma corpóreo que ocupava agora seu vazio de mulher inteira. Mas, como pôde acontecer “isso”? Como, depois de ser uma bela mulher, com o sangue povoado de insetos, perseguida pelo medo na noite total, deixara o pesadelo imenso, insone, para ingressar agora em um mundo estranho, desconhecido, onde foram eliminadas todas as dimensões? Recordou. Naquela noite — a de seu trânsito — fazia mais frio que de costume e ela estava só na casa, martirizada pela insônia. Ninguém perturbava o silêncio, e o cheiro que subia do jardim era um cheiro a medo. O suor brotava de seu corpo como se o sangue de suas artérias se estivesse derramando com sua carga de insetos. Desejava que alguém passasse pela rua, alguém que gritasse, que rompesse aquela atmosfera paralisada. Que se movesse algo na natureza, que voltasse a terra a girar ao redor do sol. Mas foi inútil. Nem mesmo esses homens imbecis, que adormeceram sob sua orelha, dentro do travesseiro, acordariam. Ela também estava imóvel. As paredes emanavam um forte cheiro a pintura fresca, esse cheiro espesso, grande, que não se sente com o olfato mas com o estômago. E sobre a mesa o relógio único, golpeando o silêncio com sua máquina mortal. “O tempo..., oh, o tempo...!”, suspirou ela apelando à morte. E lá, no pátio, debaixo da laranjeira, continuava chorando “o menino”, com seu pequeno choro, do outro mundo.

Recorreu a todas as suas crenças. Por que não amanhecia naquele momento ou morria de uma vez? Nunca pensou que a beleza fosse custar-lhe tantos sacrifícios. Naquele momento — como de costume —, continuava doendo acima do medo. E sob o medo continuavam martirizando-a esses implacáveis insetos. A morte se lhe apegara à vida como uma aranha que a mordida raivosamente, disposta a fazê-la sucumbir. Mas estava demorando o último instante. Suas

mãos, essas mãos que os homens apertavam imbecilmente, com manifesto nervosismo animal, estavam imóveis, paralisadas pelo medo, por esse terror irracional que vinha de dentro, sem nenhum motivo, só por se saber abandonada naquela casa antiga. Tratou de reagir e não pôde. O medo a absorvera totalmente e continuava ali, fixo, tenaz, quase corpóreo; como se fosse uma pessoa invisível que se propusera a não sair de seu quarto. E o que mais a intranquilizava era que esse medo não tivesse justificção alguma, que fosse um medo único, sem razão, um medo por medo.

A saliva se tornara espessa em sua língua. Era mortificante, entre seus dentes, essa goma dura que se grudava ao paladar e fluía sem que ela pudesse conter. Era um desejo diferente da sede. Um desejo superior, que experimentava pela primeira vez em sua vida. Por um momento esqueceu-se de sua beleza, de sua insônia e de seu medo irracional. Desconheceu-se a si mesma. Por um instante acreditou que os micróbios tinham saído de seu corpo. Sentia que tinham vindo grudados à sua saliva. Sim; tudo isso estava muito bem. Estava bem que os insetos a tivessem abandonado e que agora pudesse dormir, mas era necessário encontrar um meio para dissolver aquela resina que lhe entorpecia a língua. Se pudesse chegar à despensa e... Mas em que estava pensando? Teve um golpe de surpresa. Nunca sentira “esse desejo”. A urgência da acidez a debilitara, tornando inútil a disciplina que seguira fielmente durante tantos anos, desde o dia em que sepultaram “o menino”. Era uma tolice, mas sentia nojo de chupar uma laranja. Sabia que “o menino” havia subido até às flores da laranjeira e que as frutas do próximo outono estariam inchadas com sua carne, renovadas com o extraordinário frescor de sua morte. Não. Não podia chupá-las. Sabia que debaixo de cada laranjeira, em todo o mundo, havia um menino enterrado, que adoçava as frutas com a cal de seus ossos. Apesar disso, agora devia chupar uma laranja. Era o único remédio para essa goma que a estava afogando. Era

uma tolice pensar que “o menino” estava dentro de uma fruta. Aproveitaria esse momento em que a beleza deixara de lhe doer para chegar à despensa. Mas... não era esquisito aquilo? Era a primeira vez em sua vida que sentia verdadeiros desejos de chupar uma laranja. Ficou alegre, alegre. Ah, que prazer! Chupar uma laranja! Não sabia por que, mas nunca teve um desejo tão imperativo. Levantar-se-ia, feliz de ser outra vez uma mulher normal, cantando alegremente chegaria à despensa; cantando alegremente, como uma mulher nova, recém-nascida. Chegaria inclusive ao pátio e...

Sua recordação truncava-se de repente. Recordava-se de que procurara levantar e que já não estava em sua cama, que seu corpo desaparecera, que não estavam ali seus treze livros favoritos e que ela não era mais ela. Agora estava incorpórea, flutuando, vagando sobre um nada absoluto, convertida em um ponto amorfo, pequeniníssimo, sem direção. Não podia explicar o acontecido. Estava confusa. Só tinha a sensação de que alguém a empurrara ao vazio do alto de um precipício. Sentia-se convertida em um ser abstrato, imaginário. Sentia-se convertida em uma mulher incorpórea; algo como se, de repente, tivesse ingressado nesse alto e desconhecido mundo dos espíritos puros.

Voltou a ter medo. Mas era um medo diferente do momento anterior. Já não era o medo ao choro “do menino”. Era um terror pelo estranho, pelo misterioso e desconhecido de seu novo mundo. E pensar que, depois de tudo, isso acontecera tão inocentemente, com tanta ingenuidade de sua parte! O que diria à sua mãe quando, ao chegar em casa, se inteirasse do acontecido? Começou a pensar no susto que provocaria nos vizinhos quando abrissem a porta de seu quarto e descobrissem que o leito estava vazio, que as fechaduras não haviam sido tocadas, que ninguém pudera entrar ou sair e que, no entanto, ela não estava ali. Imaginou o gesto desesperado da mãe buscando-a por todo o quarto, fazendo conjecturas, perguntando a si mesma “o que terá sido dessa menina”. A cena apresentava-se clara para ela. Os vizinhos acudiriam e começariam a tecer comentários —

alguns maliciosos — sobre o seu desaparecimento. Cada um pensaria segundo o próprio e particular modo de pensar. Cada um trataria de dar a explicação mais lógica, a mais aceitável pelo menos, enquanto a mãe correria pelos corredores do casarão, desesperada, chamando-a pelo nome.

E ela estaria ali. Contemplaria a situação, detalhe a detalhe, do seu canto, do teto, das rachaduras da parede, de qualquer parte; do ângulo mais propício, escudada em seu estado incorpóreo, em sua inespacialidade. Intranquilizava-a pensar nisso. Agora se apercebia de seu erro. Não poderia dar nenhuma explicação, esclarecer nada, consolar ninguém. Nenhum ser vivo poderia ser informado de sua transformação. Agora — talvez a única vez que deles necessitava — não teria uma boca, uns braços, para que todos soubessem que ela estava ali, em seu canto, separada do mundo tridimensional por uma distância invencível. Em sua nova vida estava isolada, totalmente impedida de captar sensações. Mas a cada momento algo vibrava nela, um estremecimento a percorria, inundando-a, fazia-a saber desse outro universo físico que se movia por fora do seu mundo. Não ouvia, não via, mas *sabia* desse som e dessa visão. E lá, na altura do seu mundo superior, começou a saber que um ambiente de angústia a rodeava.

Fazia apenas um segundo — de acordo com o nosso mundo temporal — que se realizara o trânsito, de maneira que só agora começava a conhecer as modalidades, as características do seu novo mundo. A seu redor girava uma escuridão absoluta, radical. Até quando durariam essas trevas? Teria que se acostumar a elas eternamente? Sua angústia aumentou de concentração ao se saber mergulhada nessa treva espessa, impenetrável: estaria no limbo? Estremeceu. Recordou tudo o que ouvira uma vez sobre o limbo. Se na verdade estava ali, a seu lado flutuavam outros espíritos puros de crianças que morreram sem batismo, que vinham morrendo durante mil anos. Tratou de buscar na sombra a vizinhança desses seres que deviam ser muito mais puros, muito mais simples que ela. Isolados por completo do

mundo físico, condenados a uma vida sonâmbula e eterna. Talvez estivesse “o menino” perseguindo uma saída para chegar até seu corpo.

Mas não. Por que teria que estar no limbo? Será que havia morrido? Não. Foi simplesmente uma mudança de estado, um trânsito normal do mundo físico para um mundo mais fácil, descomplicado, no qual tinham sido eliminadas todas as dimensões.

Agora não tinha que suportar esses insetos subcutâneos. Sua beleza desabara. Agora, nessa situação elementar, podia ser feliz. Ainda que... — oh! — não completamente feliz, porque agora seu maior desejo, o desejo de chupar uma laranja, se tornara irrealizável. Era só por isso que desejara estar, ainda, em sua primeira vida. Para poder satisfazer o desejo veemente da acidez que persistia ainda depois do trânsito. Procurou orientar-se a fim de chegar à despensa e sentir, pelo menos, a fresca e ácida companhia das laranjas. Foi então que descobriu uma nova modalidade do seu mundo: estava em todas as partes da casa, no pátio, no teto, até na própria laranjeira do “menino”. Estava em todo o mundo físico mais além. E, todavia, não estava em nenhuma parte. De novo se intranquilizou. Perdera o controle sobre si mesma. Agora estava submetida a uma vontade superior, era um ser inútil, absurdo, imprestável. Sem saber por que, começou a se entristecer. Quase começou a sentir saudade de sua beleza: por essa beleza que ela desperdiçara tolamente.

Mas uma ideia suprema a reanimou. Não ouvira dizer, por acaso, que os espíritos puros podem penetrar, à vontade, em qualquer corpo? Depois de tudo, o que perdia por tentar? Procurou recordar qual dos habitantes da casa poderia ser submetido à prova. Se conseguisse realizar seu propósito ficaria satisfeita: poderia chupar a laranja. Recordou. Nessa hora a criadagem não costumava estar ali. Sua mãe ainda não chegara. A necessidade, porém, de chupar uma laranja, unida agora à curiosidade de se ver encarnada em um corpo diferente do seu, obrigava-a a agir o quanto antes. Mas não

havia ali ninguém em quem se encarnar. Era uma razão desoladora: não havia ninguém em casa. Teria que viver eternamente isolada do mundo exterior, em seu mundo adimensional, sem poder chupar sua primeira laranja. E tudo por uma tolice. Teria sido melhor continuar suportando uns anos mais aquela beleza hostil e não se anular para sempre, inutilizar-se como uma fera derrotada. Mas já era muito tarde.

Ia retirar-se, decepcionada, a uma região distante do universo, a um território onde pudesse esquecer-se de todos os seus passados desejos terrenos. Algo, porém, fez com que desistisse bruscamente. Em seu território desconhecido abriu-se a promessa de um futuro melhor. Sim, havia alguém na casa em quem poderia reencarnar-se: no gato! Hesitou logo. Era difícil resignar-se a viver dentro de um animal. Teria um pelo suave, branco, e haveria em seus músculos concentrada uma grande energia para o salto. À noite, sentiria brilhar seus olhos na sombra como duas brasas verdes. E teria uns dentes brancos, agudos, para sorrir à mãe, do interior do seu coração felino, com um largo e bom sorriso animal. Mas não...! Não podia ser. Imaginou-se de repente dentro do corpo do gato, percorrendo outra vez os corredores da casa, manejando quatro patas incômodas e aquele rabo se moveria solto, sem ritmo, alheio à sua vontade. Como seria a vida a partir desses olhos verdes e luminosos? À noite iria miar ao céu para que não derramasse seu cimento enluarado sobre o rosto do “menino”, que estaria de boca para cima bebendo o orvalho. Talvez em sua situação de gato também sinta medo. E talvez, no fim de tudo, não poderia chupar a laranja com essa boca carnívora. Um frio vindo dali mesmo, nascido na própria raiz do seu espírito, tremeu em sua recordação. Não. Não era possível encarnar-se no gato. Tinha medo de sentir, um dia, em seu paladar, em sua garganta, em todo seu organismo quadrúpede, o desejo irreprimível de comer um rato. Provavelmente quando seu espírito começar a povoar o corpo do gato já não sentiria desejos de chupar uma laranja,

mas o repugnante e vivo desejo de comer um rato. Estremeceu ao imaginá-lo preso entre seus dentes, depois da caça. Sentiu-o debater-se em suas últimas tentativas de fuga, procurando libertar-se para chegar, outra vez, até sua cova. Não. Tudo menos isso. Era preferível continuar ali eternamente, nesse mundo longínquo e misterioso dos espíritos puros.

Mas era difícil resignar-se a viver esquecida para sempre. Por que teria que sentir desejos de comer um rato? Quem predominaria nessa síntese de mulher e gato? Predominaria o instinto animal, primitivo, do corpo, ou a vontade pura de mulher? A resposta foi clara, cristalina. Nada tinha que temer. Encarnaria no gato e chuparia sua desejada laranja. Além disso, seria um ser estranho, um gato com inteligência de mulher bela. Voltaria a ser o centro de todas as atenções... Foi então, pela primeira vez, quando compreendeu que, sobre todas as suas virtudes, estava imperando sua vaidade de mulher metafísica.

Como um inseto quando põe em guarda suas antenas, assim orientou ela sua energia por toda a casa em busca do gato. A essa hora devia estar ainda sobre o fogão, sonhando que despertará com um talo de valeriana entre os dentes. Mas não estava ali. Voltou a procurá-lo, mas não mais encontrou o fogão. A cozinha não era a mesma. Os cantos da casa lhe eram estranhos; não eram mais aqueles escuros cantos cheios de teias de aranha. O gato não estava em nenhuma parte. Procurou pelos telhados, nas árvores, nos canais, debaixo da cama, na despensa. Encontrou tudo confuso. Onde pensou encontrar, outra vez, os retratos de seus antepassados, não encontrou senão um frasco de arsênico. Dali em diante encontrou arsênico em toda a casa, mas o gato havia desaparecido. A casa não era mais a mesma de antes. O que acontecera com suas coisas? Por que seus treze livros favoritos estavam cobertos agora com uma espessa capa de arsênico? Lembrou-se da laranjeira do pátio. Procurou-a e tratou de encontrar outra vez "o menino" em seu buraco de água. Mas a laranjeira não estava em seu lugar

e “o menino” já não era senão um punhado de arsênico com cinza sob uma pesada plataforma de concreto. Agora, sim, dormia definitivamente. Tudo era diferente. E a casa tinha um forte cheiro arsenical que agredia o olfato como se viesse do fundo de uma drogaria.

Só então ela compreendeu que se haviam passado já três mil anos desde o dia em que teve desejos de chupar a primeira laranja.

AMARGURA PARA TRÊS SONÂMBULOS



Agora nós a tínhamos ali, abandonada a um canto da casa. Alguém nos disse, antes que trouxéssemos suas coisas — sua roupa cheirando a madeira nova, seus sapatos leves para o barro —, que não podia acostumar-se àquela vida lenta, sem sabores doces, sem outro atrativo que essa dura solidão de cal e pedra, sempre apertada às suas costas. Alguém nos disse — e passara muito tempo antes que o recordássemos — que ela também tivera uma infância. Talvez não o acreditássemos, então. Mas agora, vendo-a sentada no canto, com os olhos assombrados, e um dedo posto sobre os lábios, talvez aceitássemos que uma vez teve uma infância, que alguma vez teve o tato sensível à frescura antecipada da chuva, e que suportou, sempre junto a seu corpo, uma sombra inesperada.

Em tudo isso — e muito mais — havíamos acreditado naquela tarde em que nos demos conta de que, acima do seu terrível submundo, era completamente humana. Soubemos disso quando, de repente, como se internamente se tivesse rompido um espelho, começou a dar gritos angustiados; começou a chamar-nos a cada um por seu nome, falando entre lágrimas até quando nos sentamos junto a ela, nos pusemos a cantar e a bater palmas, como se nossa gritaria pudesse soldar os cacos espalhados. Só então pudemos acreditar que alguma vez teve uma infância. Foi como se seus gritos se parecessem um pouco a uma revelação; como se tivessem muito de árvore lembrada e rio profundo, quando se levantou, inclinou-se um pouco para a frente, ainda sem cobrir o rosto com o avental, ainda sem assoar o nariz e ainda com lágrimas, nos disse:

“Não voltarei a sorrir.”

Saímos para o pátio, os três, sem falar, talvez acreditássemos levar pensamentos comuns. Talvez pensássemos que não seria o melhor acender as luzes da

casa. Ela desejava estar só — talvez —, sentada no canto sombrio, entrelaçando a trança final, que parecia ser o único que sobreviveria do seu trânsito para o animal.

Fora, no pátio, submersos no profundo zumbido dos insetos, sentamo-nos para pensar nela. Fizemos isso outras vezes. Podíamos dizer que estávamos fazendo o que fizéramos todos os dias de nossas vidas.

Apesar disso, naquela noite era diferente: ela dissera que não voltaria a sorrir, e nós, que a conhecíamos bem, tínhamos a certeza de que o pesadelo se tornara verdade. Sentados em triângulo, nós a imaginávamos lá dentro, abstrata, incapaz até para escutar os inúmeros relógios que mediam o ritmo, marcado e minucioso, em que se convertia em pó: “Se pelo menos tivéssemos coragem para desejar sua morte”, pensávamos em coro. Nós, porém, a queríamos assim: feia e glacial como uma mesquinha contribuição a nossos ocultos defeitos.

Éramos adultos desde antes, desde muito tempo atrás. Ela era, apesar disso, a mais velha da casa. Nessa mesma noite teria podido estar ali, sentada conosco, sentindo o trêmulo pulsar das estrelas, rodeada de filhos sadios. Teria sido a dona respeitável da casa se fosse a esposa de um bom burguês ou a concubina de um homem diligente. Acostumou-se, porém, a viver em uma só dimensão, como a linha reta, talvez porque seus vícios ou suas virtudes não pudessem ser vistos de perfil. Há vários anos sabíamos de tudo. Nem sequer nos surpreendemos, uma manhã, depois de levantados, quando a encontramos, de braços no pátio, mordendo a terra numa dura atitude estática. Então sorriu, voltou a olhar-nos; caíra da janela do segundo andar até o duro chão do pátio, e ficara ali, rija e concreta, de braços no barro úmido. Soubemos depois, porém, que só conservava intacto o medo das distâncias, o natural espanto diante do vazio. Nós a levantamos pelos ombros. Não estava dura como nos pareceu a princípio. Ao contrário, tinha os órgãos soltos, desprendidos da vontade, como um morto túbio que ainda não começara a endurecer.

Tinha os olhos abertos, suja a boca dessa terra que já devia saber-lhe a sedimento sepulcral, quando a pusemos de rosto para o sol e foi como se a tivéssemos posto diante de um espelho. Olhou-nos a todos com uma apagada expressão sem nexos, que nos deu — tendo-a já entre meus braços — a medida de sua ausência. Alguém nos disse que estava morta; e ficou depois sorrindo, com esse sorriso frio e quieto que tinha durante as noites, quando andava acordada pela casa. Disse que não sabia como chegou até o pátio. Disse que sentira muito calor, que esteve ouvindo um grilo penetrante, agudo, que parecia — assim o disse — disposto a derrubar a parede do seu quarto, e que ela se pusera a recordar as orações do domingo, com a face apertada ao piso de cimento.

Sabíamos, no entanto, que não podia recordar nenhuma oração, como soubemos depois que perdera a noção do tempo, quando disse que dormira sustentando, por dentro, a parede que o grilo estava empurrando de fora, e que estava completamente adormecida quando alguém, segurando-a pelos ombros, afastou a parede e a ela virou de rosto para o sol.

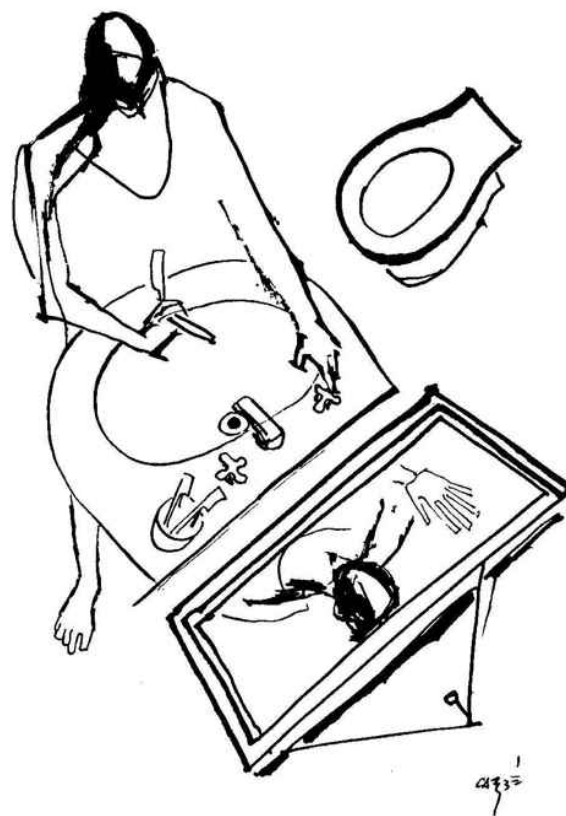
Naquela noite, sabíamos, sentados no pátio, que não voltaria a sorrir. Talvez nos tenha doído antecipadamente sua seriedade inexpressiva, seu obscuro e voluntarioso viver isolado. Doía-nos fundamente, como nos doía o dia em que a vimos sentar-se no canto onde agora estava; e a ouvimos dizer que não voltaria a deambular pela casa. A princípio não pudemos acreditar nela. Nós a havíamos visto durante meses inteiros, andando pelos quartos a qualquer hora, com a cabeça tesa e os ombros caídos, sem se deter, sem se fatigar nunca. De noite, ouvíamos seu rumor corporal, denso, movendo-se entre duas escuridões, e talvez ficássemos muitas vezes, acordados na cama, ouvindo seu silencioso andar, seguindo-a com o ouvido por toda a casa. Uma vez nos disse que vira o grilo dentro da lua do espelho, mergulhado, submerso na sólida transparência, e que atravessara a superfície de cristal para alcançá-lo. Não

soubemos, em realidade, o que queria dizer-nos, porém, todos pudemos comprovar que tinha a roupa molhada, grudada ao corpo, como se acabasse de sair de um tanque. Sem pretender explicar o fenômeno, resolvemos acabar com os insetos da casa: destruir os objetos que a obcecavam.

Fizemos limpar as paredes; mandamos cortar os arbustos do pátio, e foi como se tivéssemos limpado de pequenos lixos o silêncio da noite. Mas já não a ouvíamos caminhar, nem a ouvíamos falar de grilos, até o dia em que, depois da última refeição, ficou nos olhando, sentou-se no chão de cimento ainda sem deixar de nos olhar, e nos disse: “Ficarei aqui sentada”; e estremecemos, porque pudemos ver que começara a assemelhar-se com algo que era já quase completamente como a morte.

Disso tudo já fazia muito tempo e até nos acostumamos a vê-la ali, sentada, com a trança sempre inacabada, como se se tivesse dissolvido em sua solidão e tivesse perdido, embora a estivessemos vendo, a faculdade natural de estar presente. Por isso agora sabíamos que não voltaria a sorrir; porque ela o dissera da mesma forma convicta e segura em que, certa vez, nos disse que não voltaria a caminhar. Era como se tivéssemos a certeza de que mais tarde nos diria: “Não voltarei a ver” ou talvez: “Não voltarei a ouvir”, e soubéssemos que era suficientemente humana para ir eliminando à vontade suas funções vitais, e que, espontaneamente, iria se acabando sentido a sentido, até o dia em que a encontrássemos encostada à parede, como se tivesse dormido pela primeira vez em sua vida. Talvez faltasse muito tempo para isso, mas nós os três, sentados no pátio, teríamos desejado, naquela noite, sentir seu pranto agudo e repentino, de espelho partido, pelo menos para ter a ilusão de que havia nascido um (uma) menina dentro da casa. Para acreditar que nasceria nova.

DIÁLOGO DO ESPELHO



O homem do tempo anterior, depois de ter dormido longas horas como um santo, esquecido das preocupações e desassossegos da madrugada recente, despertou quando o dia era alto e o rumor da cidade invadia — inteiro — o ar do aposento entreaberto. Devia pensar — se não o habitasse outro estado de alma — na espessa preocupação da morte, em seu medo redondo, no pedaço de barro — argila de si mesmo — que teria seu irmão debaixo da língua. Mas o sol satisfeito, que clareava o jardim, desviou-lhe a atenção para outra vida mais comum, mais terrena e talvez menos verdadeira que sua tremenda existência interior. Para sua vida de homem comum, de animal cotidiano, que o fez recordar — sem contar para isso com seu sistema nervoso, com seu fígado instável — a irremediável impossibilidade de dormir como um burguês. Pensou — e havia ali, por certo, algo de matemática burguesa no quebra-língua de cifras — nos quebra-cabeças financeiros do escritório.

Oito e doze. Positivamente chegarei tarde. Passeou a ponta dos dedos pela face. A pele áspera, semeada de veias engalhadas, deixou-lhe a impressão do cabelo duro pelas antenas digitais. Depois, com a palma da mão entreaberta, apalpou o rosto distraído, cuidadosamente; com a serena tranquilidade do cirurgião que conhece o núcleo do tumor; e da superfície suave foi surgindo para dentro, a dura substância de uma verdade que, em certas ocasiões, lhe havia branqueado a angústia. Ali, sob os dedos — e depois dos dedos, osso contra osso —, sua irrevogável condição anatômica sepultara uma ordem de compostos, um mesquinho universo de tecidos, de mundos menores, que o vinham sustentando, levantando sua armadura carnal até uma altura menos duradoura que a natural e última posição de seus ossos.

Sim. Contra o travesseiro, afundada a cabeça na suave matéria, tombado o corpo sobre o repouso de seus órgãos, a vida tinha um sabor horizontal, uma melhor acomodação aos seus próprios princípios. Sabia que, com o esforço mínimo de fechar as pálpebras, essa longa, essa fatigante tarefa que o aguardava começaria a se resolver em um clima descomplicado, sem compromissos com o tempo nem com o espaço: sem necessidade de que, ao realizá-la, essa aventura química que constituía seu corpo sofresse o mais ligeiro menoscabo. Pelo contrário, assim, com as pálpebras fechadas, havia uma economia total de recursos vitais, uma ausência absoluta de orgânicos desgastes. O corpo, mergulhado na água dos sonhos, poderia mover-se, viver, evoluir para outras formas existenciais nas que seu mundo real teria, para sua necessidade íntima, uma idêntica densidade de emoções — se não maior — com as que a necessidade de viver ficaria completamente satisfeita sem detrimento de sua integridade física. Seria — então — muito mais fácil a tarefa de conviver com os seres e as coisas, atuando, apesar disso, da mesma forma que no mundo real. A tarefa de barbear-se, de tomar o ônibus, de resolver as equações do escritório seria simples e descomplicada em seu sonho, e lhe produziria, afinal, a mesma satisfação interior.

Sim. Era melhor fazê-lo dessa forma artificial, como já o estava fazendo; procurando no quarto iluminado o rumo do espelho. Como haveria de continuar fazendo se, naquele instante, uma pesada máquina, brutal e absurda, não houvesse desfeito a tibia substância de seu sonho incipiente. Agora, regressando ao mundo convencional, o problema revestia certamente maiores caracteres de gravidade. Apesar disso, a curiosa teoria que acabava de inspirar-lhe sua moleza desviara-o para um departamento de compreensão e do interior de seu homem sentiu o deslocamento da boca para os lados, em um gesto que devia ser um sorriso involuntário. Repugnante — no fundo continuava sorrindo. “Ter que me barbear quando devo estar sobre os livros em vinte minutos. Banho oito rapidamente cinco tomo café sete.

Salsichas velhas desagradáveis. Armazém de Mabel mercearia parafusos remédios licores; isso é como uma caixa de que sei eu quem; esqueci a palavra. (O ônibus se estraga nas terças-feiras e demora sete.) Pendora. Não: Peldora. Não é assim. Afinal, meia hora. Não há tempo. Esqueci a palavra, uma caixa onde há de tudo. Pedora. Começa com pê.”

Com o roupão posto, diante do lavabo, um rosto sonolento, desgrenhado e sem barbear, atirou-lhe um olhar aborrecido do espelho. Um ligeiro sobressalto subiu-lhe como um fiozinho frio, ao descobrir naquela imagem o próprio irmão morto quando acabava de se levantar. O mesmo rosto cansado, o mesmo olhar que não terminava de despertar.

Um novo movimento enviou ao espelho uma quantidade de luz destinada a conduzir um gesto agradável, mas o regresso simultâneo daquela luz trouxe-lhe — contrariando seus propósitos — um esgar grotesco. Água. O jorro quente se abriu torrencial, exuberante, e a onda de vapor franco e espesso interpôs-se entre ele e o espelho. Assim — aproveitando a interrupção com um rápido movimento — consegue pôr-se de acordo com seu próprio tempo e com o tempo interior do espelho.

Ergueu-se sobre o couro de afiar, enchendo de afiados aros, de gelados metais; e a nuvem — desvanecida já — mostrou-lhe de novo a outra cara, turva de complicações físicas, de leis matemáticas, nas quais a geometria tentava uma nova maneira de volume, uma forma concreta da luz. Ali, diante dele, estava o rosto, com pulso, com pulsações de sua própria presença, transfigurado em um gesto, que era, simultaneamente, uma seriedade sorridente e brincalhona, aparecida no outro espelho úmido que deixara a condensação do vapor.

Sorriu. (Sorriu.) Mostrou — a si mesmo — a língua. (Mostrou — ao da realidade — a língua.) O do espelho a tinha pastosa, amarela: “Você anda mal do estômago”, diagnosticou (gesto sem palavras) com uma careta. Voltou a sorrir. (Voltou a sorrir.) Mas agora ele pôde observar que

havia algo de estúpido, de artificial e de falso nesse sorriso que lhe era devolvido. Alisou o cabelo. (Alisou o cabelo) com a mão direita (esquerda), para, imediatamente, voltar o olhar envergonhado (e desaparecer). Estranhava a própria conduta, parado diante do espelho a fazer gestos como um cretino. No entanto, pensou que todo mundo cumpria diante do espelho idêntica conduta e sua indignação foi então maior, ante a certeza de que, sendo todo mundo cretino, ele não estava senão rendendo tributo à vulgaridade. Oito e dezessete.

Sabia que era necessário apressar-se se não quisesse ser despedido da agência. Dessa agência que se convertera, desde algum tempo, no ponto de partida dos próprios funerais diários.

O sabão, ao contato com o pincel, levantara já uma brancura azul leve que o recuperava das preocupações. Era o momento em que a pasta saponácea subia pelo corpo, pela rede das artérias, e lhe facilitava o funcionamento de toda a maquinaria vital... Assim, de volta à normalidade, pareceu-lhe mais cômodo buscar no cérebro saponificado a palavra com que queria comparar o armazém de Mabel. Peldora. A loja de Mabel. Paldora. A mercearia ou drogaria. Ou tudo de uma vez: Pendora.

Sobre a saboneteira fervia a espuma suficiente. Mas continuou esfregando o pincel, quase com paixão. O espetáculo pueril das borbulhas dava-lhe uma clara alegria de menino grande, que subira ao seu coração pesada e dura, como um licor barato. Um novo esforço na perseguição da sílaba fora então suficiente para que a palavra arrebentasse, madura e frutífera; para que saísse a flutuar naquela água espessa, turva, de sua esquiva memória. Desta vez, porém, como das anteriores, as pecinhas dispersas, desarmadas de um mesmo sistema, não se ajustariam com exatidão para alcançar a totalidade orgânica e ele se dispôs a desistir para sempre da palavra: Pendora!

E já era tempo de que desistisse daquela busca inútil, porque — ambos levantaram a vista e se encontraram nos olhos — o irmão gêmeo, com o pincel espumante, começara

a cobrir o queixo de frescura alviazul, deixando correr a mão esquerda — ele o imitou com a direita — com suavidade e precisão, até cobrir a zona abrupta. Desviou a vista e a geometria das mãozinhas apresentou-se-lhe empenhada na solução de um novo teorema de angústia: oito e dezoito. Fazia-o muito lentamente. Assim que, com o firme propósito de terminar logo, firmou a navalha de chifre obediente à mobilidade do dedo mínimo.

Calculando que em três minutos estaria terminado o trabalho, levantou o braço direito (esquerdo) até a altura da orelha direita (esquerda), fazendo, de passagem, a observação de que nada resultaria tão difícil quanto barbear-se da forma como estava fazendo a imagem do espelho. Derivara dali toda uma série de cálculos complicadíssimos, com o propósito de averiguar a velocidade da luz que, quase simultaneamente, realizava a viagem de ida e volta para reproduzir cada movimento. Mas o esteta que morava nele, depois de uma luta aproximadamente igual à raiz quadrada da velocidade que pudera averiguar, venceu o matemático, e o pensamento do artista dirigiu-se para os movimentos da lâmina que verdeazulbranqueava com os diferentes golpes de luz. Rapidamente — e o matemático e esteta estavam agora em paz — baixou o fio pela face direita (esquerda) até a linha do lábio, e observou com satisfação que a face esquerda da imagem aparecia limpa entre suas bordas de espuma.

Não acabara ainda de sacudir a lâmina quando, da cozinha, começou a chegar o fumegar carregado com um acre cheiro a carne guisada. Sentiu o estremecimento debaixo da língua, e a torrente de saliva fácil, leve, que lhe encheu a boca com o sabor forte da manteiga quente. Rins guisados. Afinal, houve uma mudança na condenada loja de Mabel. Pendora. Também não. O ruído do rim entre o molho estalou no seu ouvido, como uma recordação da chuva martelando, que era, realmente, o mesmo da madrugada recente. Portanto, não devia esquecer as galochas e a capa de chuva. Rins no molho. Não há dúvida.

De todos os seus sentidos, nenhum merecia tanta desconfiança quanto o do olfato. Mas, além de seus sentidos e ainda que aquela festa não fosse mais que um otimismo de sua pituitária, a necessidade de terminar quanto antes era, naquele momento, a mais urgente necessidade de seus cinco sentidos. Com precisão e agilidade (o matemático e o artista mostraram-se os dentes) subiu a lâmina da frente (atrás) para trás (para a frente) até a comissura (direita) esquerda, enquanto com a mão esquerda (direita) alisava-se a pele, facilitando assim a passagem da borda metálica, da frente (atrás) para (frente) atrás, e de cima (cima) para baixo, terminando — ambos arquejantes — o trabalho simultâneo.

Mas, já ao terminar, e quando dava os últimos retoques na face esquerda com a mão direita, conseguiu ver o próprio cotovelo no espelho. Viu-o grande, estranho, desconhecido, e observou com sobressalto que, por cima do cotovelo, outros olhos igualmente grandes e igualmente desconhecidos buscavam desorbitados a direção do aço. Alguém está procurando enforcar meu irmão. Um braço poderoso. Sangue! Sempre acontece o mesmo quando faço isso depressa.

Procurou, em seu rosto, o lugar correspondente; mas seu dedo ficou limpo e não denunciou o tato solução alguma de continuidade. Sobressaltou-se. Não havia feridas na sua pele, mas além, no espelho, o outro estava sangrando ligeiramente. E em seu interior voltou a ser real a repugnância de que se repetissem as inquietações da noite anterior. De que agora, diante do espelho, fosse ter outra vez a sensação, a consciência do desdobramento. Ali, porém, estava já o queixo (redondo: caras iguais). Esses pelos na covinha precisam de uma navalha de ponta.

Acreditou observar que uma nuvem de desconforto velava o gesto apressado de sua imagem. Seria possível que, devido à grande rapidez com que se estava barbeando — e o matemático assenhoreou-se por inteiro da situação —, a velocidade da luz não conseguiu cobrir a distância para registrar todos os movimentos? Podia ele, em sua pressa,

adiantar-se à imagem do espelho e terminar a tarefa um movimento antes dela? Ou seria possível — e o artista, depois de uma breve luta, conseguiu desalojar o matemático — que a imagem tivesse assumido vida própria e resolvido — por viver num tempo descomplicado — terminar com maior lentidão que seu sujeito externo?

Visivelmente preocupado, abriu a torneira de água quente e sentiu subir o vapor morno e espesso, enquanto o chapinhar de seu rosto na água nova enchia-lhe os ouvidos de um rumor gutural. Sobre a pele, a amável aspereza da toalha recém-lavada fez com que respirasse uma funda satisfação de animal higiênico. Pandora! Essa é a palavra: Pandora.

Olhou a toalha com surpresa e fechou os olhos, desconcertado, enquanto além, no espelho, um rosto igual ao seu o contemplava com uns grandes olhos estúpidos e a pele atravessada por um fio azul violáceo.

Abriu os olhos e sorriu (sorriu). Já nada mais lhe importava. O armazém de Mabel é uma caixa de Pandora.

O cheiro quente dos rins no molho acariciou seu olfato, agora com maior urgência. E sentiu satisfação — com positiva satisfação — porque dentro de sua alma um cachorro grande pusera-se a abanar o rabo.

OLHOS DE CÃO AZUL



Então me olhou. Eu pensei que me olhava pela primeira vez. Logo, porém, quando deu a volta por trás do velador e eu continuava sentindo sobre o ombro, às minhas costas, seu escorregadio e gorduroso olhar, compreendi que eu é que a olhava pela primeira vez. Acendi um cigarro. Traguei a fumaça áspera e forte, antes de fazer girar a cadeira, equilibrando-a sobre uma das pernas de trás. Depois disso eu a vi aí, como em todas as noites, parada junto ao velador, olhando-me. Durante breves minutos só fizemos isso: olhar-nos. Eu olhando-a da cadeira, que equilibrava em uma de suas pernas de trás. Ela de pé, com uma mão longa e quieta sobre o velador, olhando-me. Via-lhe as pálpebras iluminadas como em todas as noites. Foi então que recordei o de sempre, quando lhe disse: *Olhos de cão azul*. Ela me disse, sem tirar a mão do velador: “Isso. Nunca mais esqueceremos.” Desapareceu, suspirando: “*Olhos de cão azul*. Escrevi isso por toda parte.”

Eu a vi caminhar até a penteadeira. Aparecer na lua cheia do espelho, olhando-me agora ao fim de uma ida e volta de luz matemática. Eu a vi continuar me olhando com seus grandes olhos de cinza ainda viva: olhando-me enquanto abria a caixinha chapeada de nacar rosado. Eu a vi empoar o nariz. Quando acabou, fechou a caixinha, voltou a ficar em pé e caminhou de novo até o velador, dizendo: “Temo que alguém sonhe com este quarto e mexa nas minhas coisas”; e estendeu sobre a chama a mesma mão comprida e trêmula que estivera aquecendo antes de sentar-se ao espelho. Então disse: “Não sente frio?” E eu lhe disse: “Às vezes.” E ela me disse: “Deve estar sentindo agora.” E então compreendi por que não pudera estar só na cadeira. Era o frio que me dava a certeza de minha solidão. “Agora estou sentindo — disse. — E é esquisito porque a noite está quente. Talvez o lençol tenha caído.” Ela não respondeu. Começou outra vez a

caminhar até o espelho e voltei a girar sobre a cadeira para ficar de costas para ela. Sem vê-la, sabia o que estava fazendo. Sabia que estava outra vez sentada diante do espelho, vendo minhas costas, que tiveram tempo de chegar até o fundo do espelho e encontrar-se com o olhar dela, que também tivera o tempo justo de chegar ao fundo e voltar — antes que a mão tivesse tempo de iniciar a segunda volta — até os lábios, que estavam agora besuntados de batom, desde a primeira volta da mão diante do espelho. Eu via, diante de mim, a parede lisa, que era como outro espelho cego onde eu não a via — sentada às minhas costas —, mas imaginando-a onde estaria se, em lugar da parede, houvesse ali um espelho. “Vejo você”, disse-lhe. E vi na parede como se ela tivesse levantado os olhos e me visse de costas na cadeira, no fundo do espelho, com o rosto voltado para a parede. Depois eu a vi baixar as pálpebras outra vez, e ficar com os olhos parados em seu corpinho, sem falar. Então voltei a dizer-lhe: “Vejo você.” E ela voltou a levantar os olhos do seu corpinho. “É impossível”, disse. Eu perguntei por quê. E ela, outra vez com os olhos parados no corpinho: “Porque você tem o rosto voltado para a parede.” Então eu fiz girar a cadeira. Tinha o cigarro apertado na boca. Quando fiquei diante do espelho ela estava outra vez junto ao velador. Agora tinha as mãos abertas sobre a chama, como duas asas abertas de galinha, assando-se, e com o rosto sombreado pelos próprios dedos. “Acho que vou me resfriar — disse. — Esta cidade deve ser gelada.” Voltou o rosto de perfil e sua pele cobreada ao vermelho tornou-se repentinamente triste. “Faça algo contra isso”, disse. E ela começou a despir-se, peça por peça, começando por cima; pelo corpinho. Disse-lhe: “Vou me virar para a parede.” Ela disse: “Não. De qualquer modo você me verá, como me viu quando estava de costas.” E não acabara de dizê-lo quando já estava quase toda despida, com a chama lambendo sua longa pele acobreada. “Sempre quis ver você assim, com a pele da barriga cheia de furos fundos, como se os tivessem feito a pau.” E antes que eu percebesse que minhas palavras se tornaram rudes diante de sua mudez,

ela ficou imóvel, aquecendo-se junto ao velador, e disse: “Às vezes acho que sou metálica.” Guardou silêncio um instante. A posição das mãos sobre a chama mudou ligeiramente. Eu disse: “Às vezes, em outros sonhos, pensei que você não era senão uma estatuinha de bronze no canto de algum museu. Talvez por isso sinta frio.” E ela disse: “Às vezes, quando durmo sobre o coração, sinto que meu corpo fica oco e a pele como uma lâmina. Então, quando o sangue me golpeia por dentro, é como se alguém estivesse me chamando com os nós dos dedos no ventre e sinto meu próprio som de cobre na cama. É como se fosse assim como você diz: de metal laminado.” Aproximou-se mais do velador. “Gostaria de ouvir você”, disse. E ela disse: “Se alguma vez nos encontrarmos, ponha o ouvido em minhas costelas, quando eu dormir sobre o lado esquerdo, e me ouvirá ressonar. Sempre desejei que você fizesse isso alguma vez.” Eu a ouvi respirar fundo enquanto falava. Disse, então, que durante anos não fizera nada diferente disso. Sua vida fora dedicada a me encontrar na realidade, atrás dessa frase identificadora: *Olhos de cão azul*. Na rua ia dizendo em voz alta, que era uma maneira de dizer à única pessoa que teria podido entendê-la:

“Eu sou a que chega aos seus sonhos todas as noites e lhe diz isto: *Olhos de cão azul*.” E disse que ia aos restaurantes e dizia a todos os garçons, antes de fazer o pedido: *Olhos de cão azul*. Mas os garçons faziam uma respeitosa reverência, sem que recordassem nunca haver dito isso em seus sonhos. Depois escrevia nos guardanapos e riscava com a faca o verniz das mesas. *Olhos de cão azul*. E nos espelhos embaciados dos hotéis, das estações, de todos os edifícios públicos, escrevia com o indicador: *Olhos de cão azul*. Disse que uma vez chegou a uma drogaria e reconheceu o mesmo cheiro que sentira em seu quarto uma noite, depois de haver sonhado comigo. “Deve estar perto”, pensou, vendo o lajeado limpo e novo da drogaria. Então se aproximou do empregado e lhe disse: “Sonho sempre com um homem que me diz: *Olhos de cão azul*.” E disse que o vendedor a olhara nos olhos e lhe disse: “Na realidade, senhorita, tem os olhos assim.” E

ela lhe disse: “Preciso encontrar o homem que me disse em sonhos isso mesmo.” E o vendedor ficou rindo, caminhando para o outro lado do balcão. Ela continuou vendo o lajeado limpo e sentindo o cheiro. E abriu a bolsa e se ajoelhou e escreveu sobre o lajeado, em grandes letras vermelhas, com o batom: *Olhos de cão azul*. O vendedor voltou de onde estava. Disse-lhe: “Senhorita, manchou o lajeado.” Entregou-lhe um pano úmido, dizendo: “Limpe-o.” E ela disse, ainda junto ao velador, que passou toda a tarde de gatinhas, lavando o lajeado, e dizendo: *Olhos de cão azul*, até que muita gente se juntou à porta e disse que estava louca.

Agora, quando acabou de falar, eu continuava no canto, sentado, equilibrando a cadeira. “Eu procuro me lembrar todos os dias da frase com que devo encontrá-la — disse. — Agora acho que amanhã não esquecerei. No entanto, sempre disse o mesmo e sempre me esqueço ao acordar quais são as palavras com que posso encontrá-la.” E ela disse: “Você mesmo as inventou desde o primeiro dia.” E eu lhe disse: “Eu as inventei porque vi seus olhos cinzentos. Mas nunca me lembro delas na manhã seguinte.” Então ela, com os punhos fechados junto ao velador, respirou fundo: “Se pelo menos pudesse recordar agora em que cidade estive escrevendo aquilo.”

Seus dentes apertados luziram com a chama. “Gostaria de tocar em você agora”, disse. Ela levantou o rosto, que estivera olhando o fogo; levantou o olhar ardendo, abrasando-se também como ela, como suas mãos; e eu senti que me viu, no canto, onde continuava sentado, mexendo-me na cadeira. “Você nunca me disse isso”, disse. “Agora digo e é verdade”, disse. Do outro lado do velador ela pediu um cigarro. O toco desaparecera de entre os meus dedos. Esquecera de que estava fumando. Disse: “Não sei por que não posso recordar onde escrevi aquilo.” E eu lhe disse: “Pela mesma razão que eu não poderei recordar amanhã as palavras.” E ela disse, triste: “Não. É que às vezes acho que também sonhei isso.” Levantei-me e caminhei até o velador. Ela estava um pouco mais além, e eu continuava

caminhando, com os cigarros e os fósforos na mão, certo de que não passaria do velador. Estendi-lhe o cigarro. Ela o apertou entre os lábios e se inclinou para alcançar a chama, antes que eu tivesse tempo de acender o fósforo: “Em alguma cidade do mundo, em todas as paredes, devem estar escritas essas palavras: *Olhos de cão azul* — disse. — Se amanhã as recordasse, iria buscar você.” Ela levantou outra vez a cabeça e tinha já a brasa acesa nos lábios. *Olhos de cão azul*, suspirou, recordando, com o cigarro caído sobre o queixo e um olho meio aberto. Aspirou depois a fumaça, com o cigarro entre os dedos, e exclamou: “Isto já é outra coisa. Estou ficando com calor.” E o disse com a voz um pouco morna e fugidia, como se não o tivesse dito realmente mas, como se o tivesse escrito em um papel e o tivesse aproximado da chama enquanto eu lia: “Estou sentindo — e ela tivesse continuado com o papelzinho entre o polegar e o indicador, dando-lhe voltas, enquanto ia se consumindo e eu acabava de ler — ... calor”, antes que o papelzinho se consumisse por inteiro e caísse ao chão enrugado, diminuído, convertido em um leve pó de cinza: “Assim é melhor — disse. — Às vezes me dá medo ver você assim. Tremendo junto ao velador.”

Nós nos víamos há vários anos. Às vezes, quando já estávamos juntos, alguém deixava cair uma colherinha e acordávamos. Pouco a pouco fomos compreendendo que nossa amizade estava subordinada às coisas, aos acontecimentos mais simples. Nossos encontros terminavam sempre assim, com o cair de uma colherinha na madrugada.

Agora, junto ao velador, estava me olhando. Eu me lembrava que antes também me olhara assim, desde aquele remoto sonho em que fiz girar a cadeira sobre suas pernas de trás e fiquei diante de uma desconhecida de olhos cinzentos. Foi nesse sonho que lhe perguntei pela primeira vez: “Quem é você?” E ela me disse: “Não me lembro.” Eu lhe disse: “Mas acho que nos vimos antes.” E ela disse, indiferente: “Acho que uma vez sonhei com você, com este mesmo quarto.” E eu lhe disse: “É verdade. Já estou me lembrando.” E ela disse:

“Que curioso. É verdade que nos encontramos em outros sonhos.”

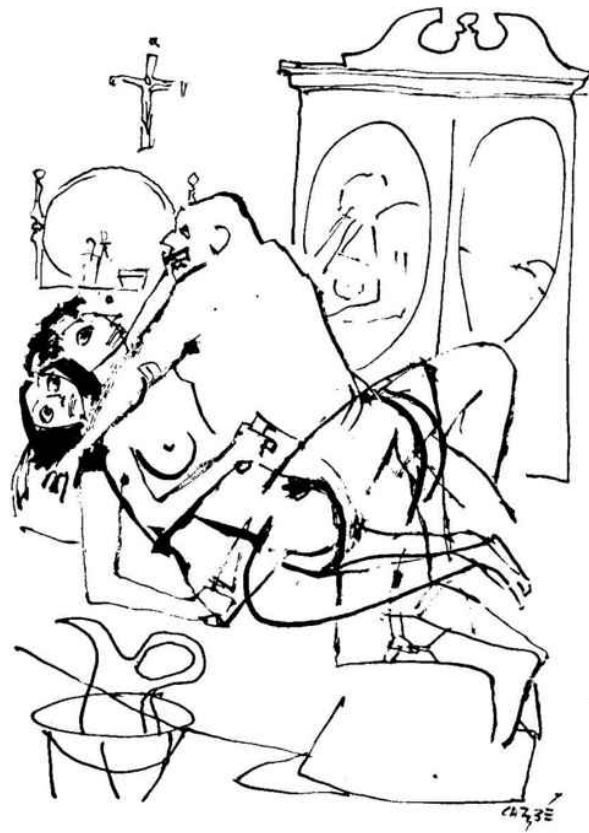
Deu duas tragadas no cigarro. Eu estava ainda parado diante do velador quando a olhei de repente. Olhei-a de cima para baixo e ainda estava acobreada; não mais, porém, de metal duro e frio, mas de cobre amarelo, suave, maleável. “Gostaria de tocar em você”, voltei a dizer. E ela disse: “Você poria tudo a perder.” Eu disse: “Agora não importa. Bastará que viremos o travesseiro para que nos encontremos novamente.” Estendi, então, a mão por cima do velador. Ela não se mexeu. “Poria tudo a perder”, tornou a dizer, antes que eu pudesse tocar nela. “Talvez, se você der a volta por trás do velador, acordaríamos assustados quem sabe em que parte do mundo.” Mas eu insisti: “Não importa.” E ela disse: “Se virássemos o travesseiro, voltaríamos a nos encontrar. Mas você, quando acordar, terá esquecido.” Comecei a me movimentar para o canto. Ela ficou atrás, aquecendo as mãos sobre a chama. E ainda eu não estava junto à cadeira quando a ouvi dizer às minhas costas: “Quando acordo à meia-noite, fico dando voltas na cama, com o linho da coberta ardendo nos meus joelhos e repetindo até o amanhecer: *Olhos de cão azul.*”

Então fiquei com o rosto voltado para a parede. “Já está amanhecendo — disse sem olhá-la. — Quando deram duas horas estava acordado e já faz muito tempo.” Eu me dirigi à porta. Quando agarrei a maçaneta, ouvi outra vez sua voz igual, invariável: “Não abra essa porta — disse. — O corredor está cheio de sonhos difíceis.” E eu lhe disse: “Como é que você sabe?” E ela me disse: “Porque há pouco estive ali e precisei voltar quando descobri que estava adormecida sobre o coração.” Eu mantinha a porta entreaberta. Empurrei-a mais um pouco e um arzinho frio e tênue me trouxe um fresco cheiro a terra vegetal, a campo úmido. Ela falou outra vez. Virei-me movimentando ainda a porta montada em dobradiças silenciosas, e lhe disse: “Acho que não há nenhum corredor aqui fora. Sinto o cheiro do campo.” E ela, um pouco distante, me disse: “Conheço isto mais que você. O

que acontece é que lá fora está uma mulher sonhando com o campo.” Cruzou os braços sobre a chama. Continuou falando: “É aquela mulher que sempre desejou ter uma casa no campo e nunca pôde sair da cidade.” Eu me lembrava de ter visto a mulher em algum sonho anterior, mas sabia, já com a porta entreaberta, que dentro de meia hora devia descer para o café. Disse então: “De qualquer modo, preciso sair daqui para acordar.”

Fora o vento adejou um instante, ficou quieto depois e se ouviu a respiração de alguém que dormia e que acabava de se virar na cama. O vento do campo parou. Já não houve mais cheiros. “Amanhã reconhecerei você por isso — disse. — Reconhecerei você quando vir na rua uma mulher que escreva nas paredes: *Olhos de cão azul*.” E ela, com um sorriso triste — que já era um sorriso de renúncia diante do impossível, do inalcançável, disse: “Apesar de tudo, você não recordará nada durante o dia.” E voltou a pôr as mãos sobre o velador, com o semblante sombreado por uma névoa amarga: “Você é o único homem que, ao acordar, não recorda nada do que sonhou”.

A MULHER QUE CHEGAVA ÀS SEIS



A porta de vaivém se abriu. A essa hora não havia ninguém no restaurante do José. Acabara de bater as seis horas e o homem sabia que só às seis horas e meia começariam a chegar os fregueses habituais. Tão conservadora e regular era sua clientela que não acabara o relógio de dar a sexta badalada quando uma mulher entrou, como todos os dias a essa hora, e se sentou sem dizer nada no alto banco giratório. Trazia um cigarro sem acender, apertado entre os lábios.

— Alô, rainha — disse José quando a viu sentar-se. Logo caminhou para o outro extremo do balcão, limpando com um pano seco a superfície envidraçada. Sempre que alguém entrava no restaurante José fazia o mesmo. Até com a mulher com quem chegara a ter um grau de quase intimidade, o gordo e rubicundo dono do restaurante representava a diária comédia do homem diligente. Falou do outro extremo do balcão.

— Que é que você quer hoje? — disse.

— Antes de tudo quero ensinar você a ser cavalheiro — disse a mulher. Estava sentada no fim da fileira de bancos giratórios, com os cotovelos no balcão, com o cigarro apagado nos lábios. Quando falou, apertou a boca para que José percebesse o cigarro sem acender.

— Não notei — disse José.

— Você ainda não viu nada — disse a mulher.

O homem deixou o pano no balcão, caminhou para os armários escuros e cheirando a alcatrão e a madeira empoeirada, e voltou logo com os fósforos. A mulher se inclinou para alcançar o fogo que ardia entre as mãos rústicas e peludas do homem; José viu o abundante cabelo da mulher, besuntado de vaselina pastosa e barata. Viu o ombro descoberto por cima do corpinho floreado. Viu o nascimento

do seio crepuscular, quando a mulher levantou a cabeça, já com o cigarro aceso entre os lábios.

— Você está linda hoje, rainha — disse José.

— Deixe de tolices — disse a mulher. — Não pense que isso vai me servir para pagar você.

— Não quis dizer isso, rainha — disse José. — Aposto que hoje o almoço fez mal a você.

A mulher tragou a primeira baforada de fumaça densa, cruzou os braços, ainda com os cotovelos apoiados no balcão, e ficou olhando para a rua, através do amplo vidro do restaurante. Tinha uma expressão melancólica. De uma melancolia enfastiada e vulgar.

— Vou preparar para você um bom bife — disse José.

— Ainda não tenho dinheiro — disse a mulher.

— Há três meses que não tem dinheiro e sempre preparo para você algo bom — disse José.

— Hoje é diferente — disse a mulher, sombriamente, ainda olhando para a rua.

— Todos os dias são iguais — disse José. — Todos os dias o relógio bate as seis horas, então você entra e diz que está com uma fome de cachorro e então eu preparo para você algo bom. A única diferença é essa, que hoje você não diz que está com uma fome de cachorro, mas que o dia é diferente.

— E é verdade — disse a mulher. Voltou-se para olhar o homem que estava do outro lado do balcão, examinando a geladeira. Ficou olhando-o durante dois, três segundos. Depois, olhou o relógio, em cima do armário. Eram seis horas e três minutos. — É verdade, José. Hoje é diferente — disse. Expeliu a fumaça e continuou falando com monossílabos, apaixonadamente. — Hoje não vim às seis, por isso é diferente, José.

O homem olhou o relógio.

— Corto meu braço se esse relógio se atrasar um minuto — disse.

— Não é isso, José. É que hoje não vim às seis — disse a mulher. — Vim às quinze para as seis.

— Acaba de dar as seis, rainha — disse José. — Quando você entrou eram seis em ponto.

— Estou aqui há um quarto de hora — disse a mulher.

José se dirigiu para onde ela estava. Aproximou da mulher sua enorme cara congestionada, enquanto levantava com o indicador uma de suas pálpebras.

— Sobre aqui — disse.

A mulher jogou a cabeça para trás. Estava séria, enfastiada, suave; embelezada por uma nuvem de tristeza e cansaço.

— Deixe de tolices, José. Você sabe que há mais de seis meses não bebo.

— Isso você vai dizer a outro — disse —, a mim é que não. Aposto que, no mínimo, vocês tomaram um litro ou dois.

— Tomei uns tragos com um amigo — disse a mulher.

— Ah, então agora eu entendo — disse José.

— Você não tem nada que entender — disse a mulher. — Estou aqui há um quarto de hora.

O homem encolheu os ombros.

— Bem, se você quer assim, está há um quarto de hora aqui — disse. — Afinal, ninguém se importa muito por dez minutos mais ou dez minutos menos.

— Importam, sim, José — disse a mulher. E estendeu os braços por cima do balcão, sobre a superfície envidraçada, com um ar de negligente abandono. Disse: — Não é que eu queira, é que faz um quarto de hora que estou aqui — voltou a olhar o relógio e retificou: — Que é que estou dizendo, já estou há vinte minutos.

— Está bem, rainha — disse o homem. — Um dia inteiro e sua noite eu daria para ver você contente.

Durante todo esse tempo José estivera se movimentando atrás do balcão, mexendo em coisas, tirando uma coisa de um lugar para pô-la em outro. Fazia seu papel.

— Quero vê-la contente — repetiu. Parou bruscamente, voltando-se para onde estava a mulher: — Você sabe que eu gosto muito de você? — disse.

A mulher olhou-o com frieza.

— Siiiiimm...? Que descoberta, José. Acredita que ficaria com você por um milhão de pesos?

— Não quis dizer isso, rainha — disse José. — Torno a apostar que o almoço fez mal a você.

— Não falo por isso — disse a mulher. E sua voz se tornou menos indolente. — É que nenhuma mulher suportaria uma carga como a sua nem por um milhão de pesos.

José enrubesceu. Deu as costas à mulher e se pôs a tirar o pó das garrafas do armário. Falou sem voltar o rosto.

— Você está insuportável hoje, rainha. Acho melhor que você coma o bife e vá deitar.

— Não tenho fome — disse a mulher. Ficou olhando outra vez a rua, vendo os transeuntes turvos da cidade entardecida. Durante um instante houve um silêncio confuso no restaurante. Um sossego interrompido apenas pelo mexer de José no armário. De repente, a mulher deixou de olhar para a rua e falou com voz apagada, terna, estranha.

— É verdade que você me ama, Pepillo?

— É verdade — disse José, secamente, sem olhá-la.

— Apesar do que lhe disse? — disse a mulher.

— O que me disse? — disse José, ainda sem inflexões na voz, ainda sem olhá-la.

— Sobre o milhão de pesos — disse a mulher.

— Já tinha esquecido — disse José.

— Então, você me ama? — disse a mulher.

— Sim — disse José.

Houve uma pausa. José continuou movimentando-se com o rosto voltado para os armários, ainda sem olhar a mulher. Ela explodiu uma nova baforada de fumaça, apoiou o busto contra o balcão, e logo, com cautela e malícia, mordendo a língua antes de dizê-lo, como se falasse nas pontas dos pés:

— Ainda que não vá para a cama com você? — disse.

E só então José voltou a olhá-la.

— Amo você tanto que iria para a cama — disse. Em seguida, caminhou para onde ela estava. Parou olhando-a de frente, os poderosos braços apoiados no balcão, diante dela;

olhando-a nos olhos, disse: — Amo tanto que todas as tardes mataria o homem que sai com você.

No primeiro instante a mulher pareceu perplexa. Depois olhou o homem com atenção, com uma ondulante expressão de compaixão e zombaria. Depois guardou um breve silêncio, desconcertada. E depois riu estrepitosamente.

— Está enciumado, José. Que lindo, está enciumado.

José tornou a corar com uma timidez espontânea, quase descomedida, como aconteceria a um menino a quem revelassem de repente todos os segredos. Disse:

— Hoje você não entende nada, rainha — e limpou o suor do rosto com o pano. Disse: — A vida fácil está embrutecendo você.

Agora, porém, a mulher mudara de expressão.

— Então não — disse. Voltou a olhá-lo nos olhos, com um estranho esplendor no olhar, a um tempo oprimida e desafiante: — Então, não está enciumado.

— De certo modo, sim — disse José. — Mas não é como você diz.

Afrouxou o colarinho e continuou limpando-se, secando o pescoço com o pano.

— Então? — disse a mulher.

— O que acontece é que amo tanto você que não me agrada que faça isso — disse José.

— O quê? — disse a mulher.

— Isso de ir com um homem diferente todos os dias — disse José.

— É verdade que você o mataria para que não fosse comigo? — disse a mulher.

— Para que não fosse, não — disse José. — Mataria porque *foi* com você.

— Dá no mesmo — disse a mulher.

A conversa chegara a uma densidade excitante. A mulher falava em voz baixa, suave, deslumbrada. Tinha o rosto quase encostado ao rosto saudável e pacífico do homem, que permanecia imóvel, como enfeitiçado pelo vapor de suas palavras.

— Tudo isso é verdade — disse José.

— Então — disse a mulher, e estendeu a mão para acariciar o áspero braço do homem. Com a outra atirou a ponta do cigarro — ... então é capaz de matar um homem?

— Pelo que disse, sim — disse José. E sua voz assumiu um acento quase dramático.

A mulher se pôs a rir convulsivamente, com uma clara intenção de gozação.

— Que horror, José. Que horror — disse, ainda rindo. — José matando um homem. Quem podia dizer que atrás do senhor gordo e santarrão, que nunca me cobra, que todos os dias me prepara um bife e que se distrai falando comigo até que encontre um homem, está um assassino! Que horror, José! Você me amedronta!

José estava confuso. Talvez sentisse um pouco de indignação. Talvez, quando a mulher se pôs a rir, se sentisse enganado.

— Você está bêbada, maluca — disse. — Vá dormir. Você não terá vontade de comer coisa alguma.

Mas a mulher, agora, deixara de rir e estava outra vez séria, pensativa, apoiada ao balcão. Viu afastar-se o homem. Viu-o abrir a geladeira e fechá-la outra vez, sem tirar nada. Viu-o caminhar depois para o extremo oposto do balcão. Viu-o esfregar o vidro reluzente, como no princípio. Então a mulher falou de novo, com o tom enternecedor e suave de quando disse: “É verdade que você me ama, Pepillo?”

— José — disse.

O homem não a olhou.

— José!

— Vá dormir — disse José. — E tome um banho antes de deitar, para que passe a bebedeira.

— Está falando sério, José? — disse a mulher. — Não estou bêbada.

— Então você ficou biruta — disse José.

— Venha cá, preciso falar com você — disse a mulher.

O homem se aproximou hesitando entre a complacência e a desconfiança.

— Chegue perto!

O homem voltou a ficar diante da mulher. Ela se inclinou para a frente, agarrou-o fortemente pelo cabelo, com um gesto de evidente ternura.

— Repita o que me disse no princípio — disse.

— O quê? — disse José. Procurava olhá-la com a cabeça baixa, agarrado pelo cabelo.

— Que mataria um homem que se deitasse comigo — disse a mulher.

— Mataria um homem que tivesse deitado com você, rainha. É verdade — disse José.

A mulher o soltou.

— Então você me defenderia se eu o matasse? — disse, afirmativamente, empurrando com um movimento de brutal coqueteria a enorme cabeça de porco de José. O homem não respondeu nada; sorriu.

— Responda, José — disse a mulher. — Você me defenderia se eu o matasse?

— Isso depende — disse José. — Você sabe que isso não é tão fácil como dizê-lo.

— A polícia não acredita em mais ninguém senão em você — disse a mulher.

José sorriu, digno, satisfeito. A mulher se inclinou de novo para ele, por cima do balcão.

— É verdade, José. Aposto que você nunca disse uma mentira — disse.

— Não se ganha com isso — disse José.

— Por isso mesmo — disse a mulher. — A polícia sabe disso e acredita em qualquer coisa que você diga, sem perguntar duas vezes.

José deu batidinhas no balcão, diante dela, sem saber o que dizer. A mulher olhou novamente para a rua. Olhou depois o relógio e modificou o tom da voz, como se tivesse interesse em concluir o diálogo antes que chegassem os primeiros fregueses.

— Você mentiria por mim, José? — disse. — De verdade?

E então José se virou para olhá-la, bruscamente, a fundo, como se uma ideia tremenda tivesse afluído à sua cabeça. Uma ideia que entrou por um ouvido, girou por um momento, vaga, confusa, e saiu depois pelo outro, deixando apenas um cálido vestígio de pavor.

— Em que embrulho você se meteu, rainha — disse José. Inclinou-se para a frente, os braços outra vez cruzados sobre o balcão. A mulher sentiu o vapor forte e um pouco amoniacal de sua respiração, que se fazia difícil pela pressão que exercia o balcão contra o estômago do homem.

— Isto sim é que é sério, rainha. Em que embrulho se meteu? — disse.

A mulher virou a cabeça para o outro lado.

— Em nada — disse. — Só estava falando para me distrair.

Depois voltou a olhá-lo.

— Sabe que talvez você não tenha que matar ninguém?

— Nunca pensei em matar alguém — disse José, desconcertado.

— Não, homem — disse a mulher. — Estou dizendo alguém que se deite comigo.

— Ah! — disse José. — Agora sim você está falando claro. Sempre acreditei que você não tem necessidade de andar nessa vida. Prometo que se você deixa disso eu lhe dou o maior bife todos os dias, sem cobrar nada.

— Obrigada, José — disse a mulher. — Mas não é por isso. É que *já não poderei* me deitar com ninguém.

— Você já volta a complicar as coisas — disse José. — Começava a ficar impaciente.

— Não complico nada — disse a mulher. Estirou-se no banco e José viu seus seios achatados e tristes debaixo do corpinho. — Amanhã desapareço e prometo que não voltarei a chatear você nunca mais. Prometo que não voltarei a me deitar com ninguém.

— E de onde você tirou essa febre? — disse José.

— Resolvi faz um momento — disse a mulher. — Só agora entendi que isso é uma porcaria.

José agarrou outra vez o pano e se pôs a esfregar o vidro, perto dela. Falou sem olhá-la.

Disse:

— Claro que do jeito que você faz é uma porcaria. Há muito tempo que devia ter entendido.

— Há tempo que estava entendendo — disse a mulher —, mas só agora acabei de me convencer. Tenho nojo dos homens.

José sorriu. Levantou a cabeça para olhar, ainda sorrindo, mas a viu concentrada, perplexa, falando, e com os ombros levantados; balançando-se no assento giratório com uma expressão taciturna, o rosto dourado por uma prematura poeira outonal.

— Você não acha que devem deixar tranquila uma mulher que matou um homem porque, depois de ter estado com ele, sente nojo dele e de todos os que estiveram com ela?

— Não precisa ir tão longe — disse José, comovido, com uma ponta de pena na voz.

— E se a mulher diz ao homem que tem nojo dele quando ele está se vestindo, porque se lembra de que se rebolou com ele toda a tarde, e sente que nem o sabão nem o esfregão poderão tirar dela o seu cheiro?

— Isso passa, rainha — disse José, agora um pouco indiferente, esfregando o balcão. — Não há necessidade de matá-lo. Simplesmente deixar que vá embora.

A mulher, porém, continuava falando, e sua voz era uma torrente uniforme, solta, apaixonada.

— E se quando a mulher diz que tem nojo dele, o homem para de se vestir e corre outra vez para ela, para beijar outra vez, a...?

— Isso nenhum homem decente faz — disse José.

— Mas e se faz? — disse a mulher, com exasperante ansiedade. — Se o homem não é decente e faz, e então a mulher sente que tem tanto nojo dele que pode morrer, e sabe que a única maneira de acabar com tudo isso é dar uma facada nele?

— Isto é uma barbaridade — disse José. — Por sorte, nenhum homem faz o que você diz.

— Bem — disse a mulher, agora completamente exasperada. — E se faz? Imagine que faz.

— De qualquer maneira, não é para tanto — disse José. Continuava limpando o balcão, sem mudar de lugar, agora menos atento à conversa.

A mulher bateu no vidro com os nós dos dedos. Voltou-se decidida, enfática.

— Você é um selvagem, José — disse. — Não entende nada. — Agarrou-o com força pela manga. — Ande, diga que a mulher devia matá-lo.

— Está bem — disse José, com um gesto conciliatório. — Será como você quer.

— Isso não é defesa própria? — disse a mulher, sacudindo-o pela manga.

José atirou nela um olhar túbio e complacente.

— Quase, quase — disse. E piscou, em um gesto que era, ao mesmo tempo, uma compreensão cordial e um pavoroso compromisso de cumplicidade. Mas a mulher continuou séria; soltou-o.

— Você mentiria para defender uma mulher que faça isso? — disse.

— Depende — disse José.

— Depende de quê? — disse a mulher.

— Depende da mulher — disse José.

— Imagine que é uma mulher que você ama muito — disse a mulher. — Não para estar com ela, sabe?, mas como você diz que a ama muito.

— Bem, como você quiser, rainha — disse José, frouxo, enfatiado.

Outra vez se afastou. Olhara o relógio. Vira que eram quase seis e meia. Pensara que dentro de uns minutos o restaurante começaria a encher-se de gente e, talvez por isso, se pôs a esfregar o vidro com maior força, olhando para a rua através da janela. A mulher permanecia na cadeira, silenciosa, concentrada, olhando com um ar de abatida

tristeza os movimentos do homem. Vendo-o, como um homem poderia ver um lampião que começou a se apagar. De repente, sem reagir, falou de novo, com a voz untada de mansidão.

— José!

O homem olhou-a com uma ternura densa e triste, como um boi maternal. Não a olhou para escutá-la; apenas para vê-la, para saber que estava ali, esperando um olhar que não tinha por que ser de proteção ou de solidariedade. Apenas um olhar de brincado.

— Eu disse que desapareço amanhã e você não disse nada — disse a mulher.

— Sim — disse José. — O que não me disse é para onde.

— Por aí — disse a mulher. — Para onde não tenha homens que queiram se deitar com a gente.

José voltou a sorrir.

— É sério? — perguntou, como se dando conta da vida, modificando repentinamente a expressão do rosto.

— Isso depende de você — disse a mulher. — Se você sabe dizer a que horas eu cheguei, amanhã irei embora e nunca mais me meterei nestas coisas. Isto agrada você?

José fez um gesto afirmativo com a cabeça, sorridente e determinado. A mulher se inclinou para onde ele estava.

— Se algum dia voltar aqui, ficarei ciumenta se encontrar outra mulher falando com você, a esta hora e neste mesmo banco.

— Se você voltar aqui deve me trazer algo — disse José.

— Prometo procurar por toda parte o ursinho de corda, para dar a você — disse a mulher.

José sorriu e passou o pano pelo espaço que se interpunha entre ele e a mulher, como se estivesse limpando um vidro invisível. A mulher também sorriu, agora com um gesto de cordialidade e coqueteria. Em seguida, o homem se afastou, esfregando o vidro até o outro extremo do balcão.

— O quê? — disse José, sem olhá-la.

— Verdade que a qualquer um que pergunte a que horas cheguei você dirá que foi às quinze para as seis? — disse a

mulher.

— Para quê? — disse José, ainda sem olhá-la e agora como se apenas a ouvisse.

— Isso não interessa — disse a mulher. — O que interessa é que diga.

José viu então o primeiro freguês, que entrou pela porta de vaivém e caminhou até a uma mesa do canto. Olhou o relógio. Eram seis e meia em ponto.

— Está bem, rainha — disse distraidamente. — Como você quiser. Sempre faço as coisas como você quer.

— Bem — disse a mulher. — Então, me prepare o bife.

O homem se dirigiu à geladeira, tirou um prato com carne e o deixou na mesa. Depois acendeu o fogão.

— Vou preparar um bom bife de despedida, rainha — disse.

— Obrigada, Pepillo — disse a mulher.

Ficou pensativa, como se de repente tivesse mergulhado num submundo estranho, povoado de formas turvas, desconhecidas. Não ouviu, do outro lado do balcão, o ruído que fez a carne fresca ao cair na manteiga fervente. Não ouviu, depois, a crepitação seca e borbulhante, quando José virou o bife na frigideira e o cheiro suculento da carne temperada foi saturando, a espaços medidos, o ar do restaurante. Ficou assim, concentrada, reconcentrada, até que voltou a levantar a cabeça, pestanejando, como se regressasse de uma morte momentânea. Então viu o homem que estava junto ao fogão, iluminado pelo alegre fogo ascendente.

— Pepillo.

— Ah!

— Em que está pensando? — disse a mulher.

— Estava pensando se você encontrará em algum lugar o ursinho de corda — disse José.

— Claro que sim — disse a mulher. — O que quero que você me diga, porém, é se me dará tudo o que eu pedir de despedida.

José a olhou do fogão.

— Até quando precisa repetir isto? — disse. — Quer algo mais que o melhor bife?

— Sim — disse a mulher.

— O quê? — disse José.

— Quero outros quinze minutos.

José jogou o corpo para trás, para olhar o relógio. Olhou, depois, ao freguês que continuava silencioso, aguardando no canto, e finalmente à carne, dourada na frigideira. Só então falou.

— Verdade que não a entendo, rainha — disse.

— Não seja bobo, José — disse a mulher. — Lembre-se de que estou aqui desde as cinco e meia.

**NABO, O NEGRO QUE FEZ ESPERAR OS
ANJOS**



Nabo estava de bruços sobre a grama morta. Sentia o cheiro de urina de estábulo roçando em seu corpo. Sentia na pele cinza e brilhante o rescaldo túbio dos últimos cavalos, mas não sentia a pele. Nabo não sentia nada. Era como se houvesse adormecido com o último golpe da ferradura na testa, e agora não tivesse mais que esse único sentido. Um duplo sentido que lhe indicava, ao mesmo tempo, o cheiro a estábulo úmido e o incontável pinicar dos insetos invisíveis na grama. Abriu as pálpebras. Tornou a fechá-las e permaneceu quieto, depois, estirado, duro, como estivera toda a tarde, sentindo-se crescer fora de tempo, até que alguém disse às suas costas: “Ande, Nabo. Você já dormiu bastante.” Virou-se e não viu os cavalos, mas a porta estava fechada. Nabo imaginaria que os animais estavam em algum lugar da escuridão, apesar de não ouvir seu impaciente escoicear. Imaginava que quem lhe falava o fazia do lado de fora da cavalaria, porque a porta estava fechada por dentro e a tranca corrida. Outra vez disse a voz às suas costas: “É verdade, Nabo, você já dormiu bastante. Há três dias que está dormindo...” Só então Nabo abriu os olhos completamente e se lembrou: “Estou aqui porque um cavalo me deu um coice.”

Não sabia que hora estava vivendo. Agora os dias tinham ficado para trás. Era como se alguém tivesse passado uma esponja úmida sobre aqueles remotos sábados de noite em que ia à praça do povoado. Esqueceu-se da camisa branca. Esqueceu-se de que tinha um chapéu verde, de palha verde, e umas calças escuras. Esqueceu-se de que não tinha sapatos. Nabo ia à praça nos sábados de noite; sentava-se a um canto, calado, não, porém, para ouvir a música, mas para ver o negro. Todos os sábados ele o via. O negro usava óculos de tartaruga amarrados às orelhas e tocava saxofone em um dos atris do fundo. Nabo via o negro, mas o negro não via Nabo. Pelo menos, se alguém tivesse visto muitas vezes que Nabo ia

à praça aos sábados de noite para ver o negro e lhe perguntasse — não agora, porque não podia recordá-lo — se o negro o vira alguma vez, Nabo diria que não. Era a única coisa que fazia depois de escovar os cavalos: ver o negro.

Um sábado o negro não esteve em seu posto na banda. Nabo deve ter pensado, a princípio, que ele não voltaria a tocar nos concertos populares, embora o atril estivesse lá. Se bem que, precisamente por isso, porque o atril estava lá, foi que mais tarde pensou que o negro voltaria no sábado seguinte. Mas no sábado seguinte não voltou nem o atril estava em seu lugar.

Nabo virou-se de lado e viu o homem que falava. No começo não o reconheceu, apagado pela escuridão da cavalaria. O homem estava sentado em uma saliência do soalho, falando e dando palmadinhas em seus joelhos. “Um cavalo me deu um coice”, voltou a dizer Nabo, procurando reconhecer o homem. “É verdade — disse o homem. — Agora os cavalos não estão mais aqui e estamos esperando você no coro.” Nabo sacudiu a cabeça. Ainda não começara a pensar. Mas agora acreditava ter visto o homem em algum lugar. O homem dizia que estavam esperando Nabo no coro. Nabo não entendia, mas também não estranhava que alguém lhe dissesse isso, porque todos os dias, enquanto escovava os cavalos, inventava canções para distraí-los. Depois cantava na sala para distrair a menina muda, com as mesmas canções dos cavalos. A menina, porém, estava noutro mundo, no mundo da sala, sentada, com os olhos fixos na parede. Se quando cantava alguém lhe dissesse que o levaria a um coro, não se surpreenderia. Agora se surpreendia menos porque não entendia. Estava fatigado, embotado, estúpido. “Quero saber onde estão os cavalos”, disse. E o homem disse: “Já lhe disse que os cavalos não estão aqui, só nos interessava trazer uma voz como a sua.” E talvez, de barriga para baixo, sobre a grama, Nabo ouvia, mas não podia diferenciar a dor que a ferradura deixara em sua testa das outras sensações desordenadas. Virou a cabeça na grama e adormeceu.

Nabo ainda foi à praça durante duas ou três semanas, embora o negro já não estivesse na banda. Talvez alguém lhe houvesse respondido, se Nabo perguntasse o que acontecera ao negro. Mas não o perguntou, pelo contrário, continuou assistindo aos concertos até que outro homem, com outro saxofone, veio ocupar o lugar do negro. Então Nabo se convenceu de que o negro não voltaria mais e resolveu não voltar, ele mesmo, à praça. Quando acordou, pensou ter dormido muito pouco tempo. Ainda lhe ardia no nariz o cheiro a grama úmida. Ainda permanecia a escuridão, diante de seus olhos, cercando-o. Mas o homem ainda estava no canto. A voz sombria e pacata do homem que se batia nos seus joelhos, dizendo: “Estamos esperando você, Nabo. Você está dormindo há dois anos e não quis se levantar.” Então Nabo voltou a fechar os olhos. Abriu-os em seguida. Ficou olhando para o canto e viu outra vez o homem, desorientado, perplexo. Só então o reconheceu.

Se os da casa tivéssemos sabido o que fazia Nabo na praça aos sábados de noite, teríamos pensado que quando deixou de ir o fez porque já tinha música em casa. Isto aconteceu quando levamos a vitrola para distrair a menina. Quando a gente precisava de uma pessoa que lhe desse corda durante todo o dia, parecia o mais natural que essa pessoa fosse Nabo. Poderia fazê-lo quando não tivesse que cuidar dos cavalos. A menina ficava sentada, ouvindo os discos. Às vezes, quando havia música, a menina descia da cadeira, sem deixar de olhar a parede, babando, e se arrastava até a sala de jantar. Nabo levantava a agulha e começava a cantar. No princípio, quando chegou à casa e lhe perguntamos o que sabia fazer, Nabo disse que sabia cantar. Isso, porém, não interessava a ninguém. O que a gente precisava era de um rapaz que escovasse os cavalos. Nabo ficou, mas continuou cantando, como se o tivéssemos recebido para que cantasse, e aquilo de escovar os cavalos não fosse senão uma distração que fazia mais leve o seu trabalho. E isso durou mais de um ano, até quando os da casa nos acostumamos à ideia de que a menina não poderia caminhar, não

reconheceria ninguém, não deixaria de ser a menina morta e solitária, que ouvia a vitrola, olhando a parede friamente, até que a levantássemos da cadeira e a conduzíssemos ao quarto. Então deixou de nos preocupar; mas Nabo continuou fiel, pontual, dando corda à vitrola. Isso foi nos dias em que Nabo não deixara de ir à praça nos sábados de noite. Um dia, quando o menino estava na cavalaria, alguém disse junto à vitrola: “Nabo.” Estávamos no corredor, sem nos preocupar com o que alguém pudesse dizer. Quando ouvimos, porém, pela segunda vez “Nabo”, levantamos a cabeça e perguntamos: “Quem está com a menina?” E alguém disse: “Não vi entrar ninguém.” E o outro disse: “Estou certo de ter ouvido uma voz que disse: ‘Nabo.’” Mas quando fomos ver só encontramos a menina no chão, encostada à parede.

Nabo voltou cedo e se deitou. Foi no sábado seguinte, quando não voltou à praça porque o negro já tinha sido substituído, e três semanas depois, numa segunda-feira, a vitrola começou a soar enquanto Nabo estava na cavalaria. Ninguém se preocupou no começo. Só depois, quando vimos o negrinho aparecer, cantando e pingando ainda a água dos cavalos, lhe dissemos: “Por onde você saiu?” Ele disse: “Pela porta. Estava na cavalaria desde o meio-dia.” “A vitrola está tocando. Você não está ouvindo?”, lhe dissemos. E Nabo disse que sim. E nós lhe dissemos: “Quem lhe deu corda?” E ele, encolhendo os ombros: “A menina. Faz tempo que é ela que dá corda.”

Assim estavam as coisas até o dia em que o encontramos de bruços na grama, fechado na cavalaria e com a beira da ferradura incrustada na testa. Quando o levantamos pelos ombros, Nabo disse: “Estou aqui porque um cavalo me deu um coice.” Mas ninguém se interessou pelo que ele pudesse dizer. Interessavam-nos os olhos frios e mortos e a boca cheia de uma espuma verde. Passou toda a noite chorando, queimado pela febre, delirando, falando do pente que perdeu nos gramados da cavalaria. Isto foi no primeiro dia. No seguinte, quando abriu os olhos e disse: “Tenho sede”, e lhe levamos água e ele a bebeu toda de um sorvo e

pediu um pouco mais duas vezes, perguntamos como se sentia e ele disse: “Estou como se um cavalo tivesse me dado um coice.” E continuou falando durante todo o dia e toda a noite. E finalmente sentou-se na cama, assinalou para cima, com o indicador, e disse que o galope dos cavalos não o deixara dormir toda a noite. Entretanto, desde a noite anterior não tinha febre. Já não delirava, mas continuou falando até que lhe introduziram um lenço na boca. Então Nabo começou a cantar atrás do lenço; a dizer que ouvia, junto à orelha, a respiração dos cavalos, procurando a água por cima da porta fechada. Quando tiramos o lenço para que comesse alguma coisa, voltou-se para a parede e todos pensamos que adormecera, e até é possível que tivesse adormecido um pouco. Quando despertou, porém, já não estava na cama. Tinha os pés amarrados e as mãos atadas a uma viga do quarto. Amarrado, Nabo começou a cantar.

Quando o reconheceu, Nabo disse ao homem: “Eu já o vi antes.” E o homem disse: “Todos os sábados me viam na praça”; e Nabo disse: “É verdade, mas eu acreditava que eu o via, mas o senhor não me via.” E o homem disse: “Nunca vi você, mas depois, quando deixei de ir à praça, senti como se alguém tivesse deixado de me ver aos sábados”; e Nabo disse: “O senhor não voltou mais, mas eu continuei indo durante três ou quatro semanas.” E o homem, ainda sem se mexer, dando palmadinhas em seus joelhos: “Eu não podia voltar à praça, embora fosse o único que valia a pena.” Nabo procurou levantar-se, sacudiu a cabeça na grama e continuou ouvindo a fria voz obstinada, até que não teve mais tempo nem mesmo para saber que outra vez estava adormecendo. Sempre, desde que levou o coice do cavalo, acontecia isso. E sempre ouvia a voz: “Estamos esperando você, Nabo. Já não temos meios de medir o tempo que você leva dormindo.”

Quatro semanas depois que o negro deixou de ir à banda, Nabo estava penteando o rabo de um dos cavalos. Nunca fizera isso. Simplesmente os escovava, enquanto cantava. Na quarta-feira, porém, fora ao mercado e vira um pente e se

dissera: “Este pente é para pentear o rabo dos cavalos.” Então foi quando aconteceu aquilo do cavalo que lhe deu a patada e o deixou atordoado para o resto da vida, dez ou quinze anos antes. Alguém disse em casa: “Era preferível que tivesse morrido naquele dia e não que continuasse assim, doido varrido, falando besteiras o resto da vida.” Ninguém, porém, voltara a vê-lo desde o dia em que o encerramos. Só sabíamos que estava ali, encerrado no quarto, e que desde então a menina não voltara a tocar a vitrola. Na casa, porém, não tínhamos muito interesse em sabê-lo. Nós o havíamos encerrado como se fosse um cavalo, como se a patada lhe tivesse comunicado o retardamento e lhe houvesse incrustado na testa toda a estupidez dos cavalos: a animalidade. E o deixamos isolado entre quatro paredes, como se tivéssemos resolvido que morresse de clausura, porque não tínhamos tido o suficiente sangue-frio para matá-lo de outra maneira. Assim se passaram quatorze anos, até que um dos meninos cresceu e disse que desejava ver seu rosto. E abriu a porta.

Nabo voltou a olhar o homem. “Um cavalo me deu um coice”, disse. E o homem disse: “Há séculos que você diz isso e, enquanto isso, estamos aguardando você no coro.” Nabo voltou a sacudir a cabeça, voltou a mergulhar a testa ferida na grama e pensou lembrar-se, de repente, como tinham acontecido as coisas. “Era a primeira vez que penteava o rabo de um cavalo”, disse. E o homem disse: “Nós quisemos assim, para que viesse cantar no coro.” E Nabo disse: “Não devia ter comprado o pente.” E o homem disse: “De qualquer jeito, você o teria encontrado. Nós tínhamos resolvido que encontraria o pente e que iria pentear o rabo dos cavalos.” E Nabo disse: “Nunca fiquei atrás de um cavalo.” E o homem, ainda tranquilo, ainda sem parecer impaciente: “Mas ficou e o cavalo deu um coice em você. Era a única maneira de você vir para o coro.” E a conversa, implacável, diária, continuou até que alguém disse na casa: “Fazia quinze anos que ninguém abria essa porta.” A menina — não havia crescido. Passara dos trinta anos e começava a entristecer nas

pálpebras — estava sentada olhando a parede, quando abriram a porta. Ela virou o rosto, cheirando, para o outro lado. E quando fecharam a porta, voltaram a dizer: “Nabo está tranquilo. Já não se mexe lá dentro. Um dia desses morrerá e não saberemos senão pelo cheiro.” E alguém disse: “Saberemos pela comida. Nunca deixou de comer. Está bem assim, fechado, sem que ninguém o magoe. Pelo lado de trás, entra boa luz.” Então as coisas ficaram desse modo; só que a menina continuou olhando para a porta, cheirando o vapor quente que se filtrava pela fenda. Esteve assim até a madrugada, quando ouvimos um ruído metálico na sala e nos lembramos que era o mesmo ruído que se ouvia quinze anos atrás, quando Nabo dava corda à vitrola. Levantamos, acendemos a lâmpada e ouvimos os primeiros compassos da canção esquecida; da canção triste que morrera nos discos há tanto tempo. O ruído continuou soando cada vez mais forçado, até que se ouviu um golpe seco, no instante em que chegamos à sala e sentimos que o disco ainda continuava soando e vimos a menina no canto, junto à vitrola, olhando a parede, e com a manivela levantada, desprendida da caixa sonora. Não nos mexemos. A menina não se mexeu, mas continuou ali, quieta, endurecida, olhando a parede, e com a manivela levantada. Nós não dissemos nada, mas voltamos ao quarto, lembrando que alguém nos dissera alguma vez que a menina sabia dar corda à vitrola. Pensando nisso ficamos sem dormir, ouvindo a musiquinha gasta do disco, que continuava girando com a sobra da corda quebrada.

No dia anterior, quando abriram a porta, lá dentro cheirava a restos biológicos, a corpo morto. O que abriu gritou: “Nabo! Nabo!” Mas ninguém respondeu de dentro. Junto à frestinha estava o prato vazio. Três vezes ao dia a gente introduzia o prato por debaixo da porta e três vezes o prato voltava a sair, sem comida. Por isso sabíamos que Nabo estava vivo. Mas nada mais do que por isso.

Já não se mexia lá dentro, já não cantava. E assim deve ter sido, depois que fecharam a porta, quando Nabo disse ao

homem: “Não posso ir ao coro.” E o homem perguntou: “Por quê?” E Nabo disse: “Porque não tenho sapatos.” E o homem, levantando os pés, disse: “Isso não importa. Aqui ninguém usa sapatos.” E Nabo viu a planta amarela e dura dos pés descalços que o homem levantava. “Faz uma eternidade que estou aqui”, disse o homem. “Faz só um instante que o cavalo me deu um coice — disse Nabo. — Agora jogo um pouco de água na cabeça e vou levá-los para dar uma volta.” E o homem disse: “Os cavalos já não precisam de você. Não há mais cavalos. É você que deve vir conosco.” E Nabo disse: “Os cavalos deveriam estar aqui.” Levantou-se um pouco, mergulhou as mãos na grama enquanto o homem dizia: “Faz quinze anos que não tem quem cuide deles.” Nabo, porém, arranhava o chão sob a grama, dizendo: “O pente ainda deve estar aqui.” E o homem dizia: “A cavalaria foi fechada há quinze anos. Agora está cheia de escombros.” E Nabo dizia: “Não há escombros que se formem numa tarde. Enquanto não encontrar o pente não sairei daqui.”

No dia seguinte, depois que voltaram para fixar a porta, foi que tornaram a ouvir os trabalhosos movimentos interiores. Ninguém se moveu depois. Ninguém voltou a dizer nada quando se ouviram os primeiros rangidos e a porta começou a ceder, pressionada por uma força descomunal. Ouvia-se, dentro, como o arquejo de uma fera encurralada. Finalmente, ouviu-se o estalido das dobradiças enferrujadas rompendo-se, quando Nabo sacudiu a cabeça de novo. “Enquanto não encontrar o pente não irei ao coro — disse. — Deve estar por aqui.” E escavou a grama, arrancando-a, revolvendo o chão, até que o homem disse: “Está bem, Nabo. Se você só espera encontrar o pente para vir ao coro, vá procurá-lo.” Inclinou-se para a frente, escurecido o rosto por uma paciente soberba. Apoiou as mãos na tranqueira e disse: “Vá, Nabo. Eu me encarregarei de que ninguém possa deter você.”

E então a porta cedeu, e o enorme negro bestial, com a horrível cicatriz marcada na testa — apesar dos quinze anos passados — saiu precipitando-se por cima dos móveis, tropeçando nas coisas, levantados e ameaçadores os punhos,

que ainda tinham a corda com que o amarraram quinze anos antes — quando era um garotinho negro que cuidava dos cavalos —; vociferando pelos corredores, depois de ter empurrado com o ombro a porta de uma tempestade, e passou — antes de chegar ao pátio — perto da menina, que permanecia sentada, ainda com a manivela da vitrola na mão desde a noite anterior — ela, ao ver a negra força desencadeada, recordou algo que, em algum tempo, devia ser palavra — e chegou ao pátio — antes de encontrar a cavalaria —, depois de ter levado com o ombro o espelho da sala, mas sem ver a menina — nem perto da vitrola nem o espelho —, e saiu ao sol, com os olhos fechados, cego — quando ainda não cessara dentro o estrépito dos espelhos quebrados —, e correu sem direção, como um cavalo vendado, buscando instintivamente a porta da cavalaria, que quinze anos de clausura tinham apagado de sua memória mas não de seus instintos — desde aquele remoto dia em que penteou o rabo do cavalo e ficou louco para o resto da vida —, e deixando atrás a catástrofe, a dissolução, o caos, como um touro vendado em um quarto cheio de lâmpadas, até que chegou ao pátio de trás — ainda sem encontrar a cavalaria — e escavou o solo com essa furiosa tempestuosidade com que quebrara o espelho, pensando talvez que ao escavar a grama se levantaria de novo o cheiro a urina de égua, antes de chegar completamente às portas da cavalaria — e agora mais forte ele mesmo que a própria força turbulenta — e empurrá-la antes do tempo e cair dentro, de bruços, agonizante talvez, mas ainda ofuscado por essa feroz animalidade que meio segundo antes não lhe permitiu ouvir a menina, que levantou a manivela, quando o viu passar, e se lembrou babando, mas sem se mexer da cadeira, sem mexer a boca e só fazendo girar a manivela da vitrola no ar, se lembrou da única palavra que aprendera a dizer em toda sua vida e a gritou da sala: “Nabo! Nabo!”

ALGUÉM DESARRUMA ESTAS ROSAS



Como é domingo e deixou de chover, penso levar um ramo de rosas ao meu túmulo. Rosas vermelhas e brancas, das que ela cultivava para arranjar altares e coroas. A manhã esteve entristecida por este inverno taciturno e surpreendedor, que me fez recordar a colina onde a gente do povoado abandona seus mortos. É um lugar deserto, sem árvores, varrido apenas por restos providenciais que voltam depois que o vento passou. Agora que deixou de chover e que o sol de meio-dia deve ter endurecido a lama da ladeira, poderia chegar até o túmulo, em cujo fundo repousa meu corpo de menino, agora confundido, esfarelado entre caracóis e raízes.

Ela está prostrada diante de seus santos. Permanece indiferente desde que deixei de me mexer no quarto, depois de ter fracassado no primeiro intento de chegar ao altar para colher as rosas mais vivas e frescas. Talvez hoje pudesse fazê-lo; o lampião, porém, piscou, e ela, recuperada do êxtase, levantou a cabeça e olhou para o canto onde está a cadeira. Deve ter pensado: “É outra vez o vento”, porque é verdade que algo estalou junto ao altar e o quarto ondulou um instante, como se tivesse sido removido o nível das recordações aprisionadas nele há muito tempo. Então compreendi que devia aguardar uma nova ocasião para colher as rosas, porque ela continuava acordada, olhando a cadeira, e poderia sentir junto a seu rosto o rumor de minhas mãos. Agora devo esperar que ela saia do quarto, dentro em pouco, e vá à peça vizinha dormir a sesta medida e invariável do domingo. É possível que então possa eu sair com as rosas para estar de volta antes que ela volte a este quarto e fique olhando a cadeira.

No domingo passado foi mais difícil. Tive que esperar quase duas horas que ela entrasse em êxtase. Parecia intranquila, preocupada, como se a atormentasse a certeza

de que, subitamente, sua solidão na casa se tornara menos intensa. Deu várias voltas pelo quarto com o ramo de rosas, antes de deixá-lo no altar. Em seguida, saiu ao corredor, virou e se dirigiu à peça vizinha. Eu sabia que estava procurando o lampião. E depois, quando voltou a passar diante da porta e a vi na claridade do corredor, com o casaquinho escuro e as meias cor-de-rosa, pareceu-me que era ainda igual à menina que há quarenta anos se debruçou sobre a minha cama, neste mesmo quarto, e disse: “Agora que lhe puseram os pauzinhos, está com os olhos abertos e duros.” Era a mesma, como se não tivesse transcorrido o tempo desde aquela remota tarde de agosto em que as mulheres a trouxeram ao quarto e lhe mostraram o cadáver e lhe disseram: “Chore. Era como um irmão seu”, e ela se encostou à parede, chorando, obedecendo, ainda ensopada pela chuva.

Há três ou quatro domingos estou procurando chegar até as rosas, mas ela permaneceu vigilante diante do altar; vigiando as rosas com uma sobressaltada diligência, que não lhe conhecera nos vinte anos que vive na casa. No domingo passado, quando saiu para buscar o lampião, consegui compor um ramo com as melhores rosas. Em nenhum momento estive mais perto de realizar meu desejo. Quando me dispunha, porém, a regressar à cadeira, ouvi de novo as pisadas no corredor, arrumei depressa as rosas no altar; então, a vi aparecer no vão da porta com o lampião levantado.

Vestia o casaquinho escuro e as meias cor-de-rosa, mas havia em seu rosto algo como a fosforescência de uma revelação. Não parecia, então, a mulher que há vinte anos cultivava rosas na horta, mas a mesma menina que, naquela tarde de agosto, trouxeram à peça vizinha para que mudasse de roupa e que regressava agora com um lampião, gorda e envelhecida, quarenta anos depois.

Meus sapatos têm ainda a dura crosta de barro que se formou naquela tarde, apesar de estarem secando durante vinte anos junto ao fogão apagado. Um dia fui buscá-los. Isto

foi depois que fecharam as portas, baixaram do umbral o pão e o ramo de aloé, e levaram os móveis. Todos os móveis, menos a cadeira do canto, que me serviu durante todo este tempo. Eu sabia que os sapatos tinham sido postos a secar e que nem sequer se lembraram deles quando abandonaram a casa. Por isso fui buscá-los.

Ela voltou muitos anos depois. Havia transcorrido tanto tempo, que o cheiro a almíscar do quarto se confundira com o cheiro do pó, com o seco e minúsculo cheiro dos insetos. Eu estava só na casa, sentado no canto, esperando. Aprendera a distinguir o rumor da madeira em decomposição, o adejo do ar tornando-se velho nas alcovas fechadas. Foi então que ela veio. Parara na porta com uma maleta na mão, um chapéu verde e o mesmo casaquinho de algodão, do qual não se separou desde então. Era ainda uma menina. Não começara a engordar, nem os tornozelos se avolumavam sob as meias, como agora. Eu estava coberto de pó e teias de aranha quando ela abriu a porta e, em alguma parte do quarto, o grilo que estivera cantando durante vinte anos ficou em silêncio. Apesar disso, porém, apesar das teias de aranha e do pó, do brusco arrependimento do grilo e da nova idade da recém-chegada, reconheci nela a menina que, naquela tormentosa tarde de agosto, foi comigo procurar ninhinhos de galinha no estábulo. Assim como estava, parada na porta, com a maleta na mão e o chapéu verde, parecia como se de repente fosse gritar, dizer o mesmo que disse quando me encontraram, de boca para cima, sobre a grama do estábulo, ainda aferrado à trave da escada quebrada. Quando ela abriu a porta completamente, as dobradiças rangeram e o pó do teto caiu em nuvens, como se alguém estivesse martelando no cavalete; então ela vacilou, no marco da claridade, introduzindo depois meio corpo no quarto, e disse com a voz de quem está chamando uma pessoa adormecida: “Menino! Menino!” E eu fiquei quieto na cadeira, rígido, com os pés estirados.

Pensava que só vinha para ver o quarto, mas continuou vivendo na casa. Arejou o quarto e foi como se tivesse aberto

a maleta e dela saísse o antigo cheiro a almíscar. Os outros levaram os móveis e a roupa nos baús. Ela só levava os cheiros do quarto; e vinte anos depois os trouxe de novo, colocou-os em seu lugar e reconstruiu o altarzinho; igual a antes. Só a sua presença bastou para restaurar o que a implacável aplicação do tempo destruíra. Desde então, come e dorme na peça ao lado, mas passa os dias aqui, conversando em silêncio com os santos. À tarde, senta-se na cadeira de balanço, junto à porta, e cirze a roupa enquanto atende a quem vem comprar-lhe flores. Ela se balança sempre enquanto cirze a roupa. E quando vem alguém por um ramo de rosas, guarda a moeda na ponta do lenço que se ata à cintura, e diz invariavelmente: “Colha da direita, as da esquerda são para os santos.”

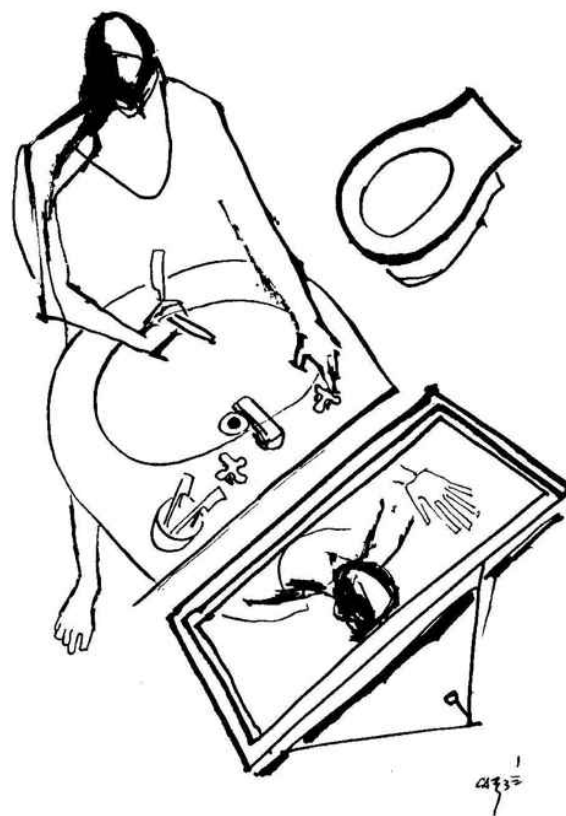
Assim tem estado na cadeira de balanço durante vinte anos, cerzindo suas coisinhas, balançando-se, olhando para a cadeira, como se agora não cuidasse do menino que compartilhou com ela as tardes da infância, mas do neto inválido que está aqui, sentado no canto, desde que a avó tinha cinco anos.

É possível que agora, quando volte a baixar a cabeça, possa me aproximar das rosas. Se as alcanço, irei até a colina, colocarei sobre o túmulo e regressarei à minha cadeira, para esperar o dia em que ela não volte ao quarto e cessem os ruídos nas peças ao lado.

Neste dia haverá uma transformação em tudo isto, porque eu terei que sair outra vez da casa para avisar alguém que a mulher das rosas, a que vive só na casa arruinada, está precisando de quatro homens que a conduzam à colina. Então ficarei definitivamente só no quarto. Em troca, porém, ela estará satisfeita. Porque nesse dia saberá que não era o vento invisível o que, todos os domingos, se aproximava do seu altar e desarrumava as rosas.

A NOITE DOS ALCARAVÕES*

**Alcaravão*, do árabe al-Karauan, ave pernalta de cerca de 60 centímetros de altura, pescoço longo, rabo pequeno, tarsos amarelos, ventre branco, asas brancas e negras; corpo vermelho, menos a cabeça, que é verde-negra. Sin.: gazola.



Estávamos sentados, os três, à volta da mesa, quando alguém introduziu uma moeda na ranhura e o Wurlitzer recomeçou o disco de toda noite. O resto, não tivemos tempo de pensá-lo. Aconteceu antes de que lembrássemos onde nos encontrávamos; antes de que tivéssemos recobrado o sentido da orientação um de nós estendeu a mão por cima do balcão, rastejando (nós víamos a mão, nós a ouvíamos), tropeçou em um copo e ficou quieto depois, com as duas mãos descansando sobre a dura superfície. Então nós os três nos buscamos na sombra e nos encontramos ali, nas juntas dos trinta dedos que se amontoavam sobre o balcão. Um disse:

— Vamos.

E nos levantamos, como se nada houvesse acontecido. Ainda não tínhamos tido tempo para nos espantar.

No corredor, ao passar, ouvimos a música próxima, girando contra nós. Sentimos o cheiro a mulheres tristes, sentadas e esperando. Sentimos o prolongado vazio no corredor diante de nós, enquanto caminhávamos em direção à porta, antes de que viesse receber-nos o outro cheiro acre da mulher que se sentava junto à porta. Nós dissemos:

— Vamos embora.

A mulher não respondeu nada. Sentimos o estalido de uma cadeira de balanço, cedendo quando ela se levantou. Sentimos as passadas na madeira solta e outra vez o retorno da mulher, quando voltaram a ranger as dobradiças e a porta se ajustou às nossas costas.

Nós nos viramos. Ali mesmo, atrás, corria um duro ar cortante de madrugada invisível, e uma voz que dizia:

— Afastem-se daí, vou passar com isto.

Voltamos para trás. E a voz tornou a dizer:

— Ainda estão na porta.

E só então, quando nos tínhamos movimentado para todos os lados e encontrado a voz por todas as partes, dissemos:

— Não podemos sair daqui. Os alcaravões nos arrancaram os olhos.

Depois ouvimos abrirem-se várias portas. Um de nós soltou-se das outras mãos e o ouvimos arrastar-se na sombra, vacilando, tropeçando nos objetos que nos rodeavam. Falou de algum lugar da escuridão:

— Já devemos estar perto — disse. — Por aqui há um cheiro de baús amontoados.

Sentimos outra vez o contato de suas mãos: recostamos na parede e outra voz passou então mas em direção contrária.

— Podem ser caixões — disse um de nós.

O que se arrastara até o canto e respirava agora a nosso lado disse:

— São baús. Desde pequeno aprendi a distinguir o cheiro da roupa guardada.

Então caminhamos para lá. O chão era branco e liso, como se fosse de terra batida. Alguém estendeu uma mão. Sentimos um contato de pele longa e viva, mas já não sentimos a parede do outro lado.

— Isto é uma mulher — dissemos.

O outro, o que falara de baús, disse:

— Acho que está dormindo.

O corpo estremeceu sob nossas mãos; tremeu, nós o sentimos escapar, não, porém, como se se houvesse posto fora do nosso alcance, mas como se houvesse deixado de existir. Apesar disso, depois de um instante em que permanecemos quietos, endurecidos, recostados ombro contra ombro, ouvimos sua voz.

— Quem está aí? — disse.

— Somos nós — respondemos sem nos mexer.

Ouviu-se o movimento na cama; o estalar e o rastejar dos pés buscando as chinelas na escuridão. Então imaginamos a mulher sentada, olhando-nos quando ainda nem bem acordada.

— Que fazem aqui? — disse.

E nós dissemos:

— Não sabemos. Os alcaravões nos arrancaram os olhos.

A voz disse que ouvira algo sobre isso. Que os jornais tinham dito que três homens estavam tomando cerveja em um pátio onde havia cinco ou seis alcaravões. Sete alcaravões. Um dos homens começou a cantar como um alcaravão imitando-os.

— O pior foi que o fez com uma hora de atraso — disse. — Foi então quando os pássaros pularam para a mesa e arrancaram os olhos deles.

Disse que isso tinham dito os jornais, mas que ninguém acreditara neles. Nós dissemos:

— Se as pessoas foram lá deveriam ter visto os alcaravões.

E a mulher disse:

— Foram. O pátio estava cheio de gente, no outro dia, mas a mulher já tinha levado os alcaravões a outro lugar.

Quando nos viramos, a mulher deixou de falar. Ali estava outra vez a parede. Em só nos virar, encontrávamos a parede. À nossa volta, cercando-nos, estava sempre uma parede. Um voltou a soltar-se de nossas mãos. Nós o ouvimos rastejar outra vez, cheirando o chão, dizendo:

— Agora não sei mais onde estão os baús. Acho que já andamos por outro lugar.

E nós dissemos:

— Venha cá. Alguém está aqui, junto a nós.

Ouvimo-lo aproximar-se. Sentimo-lo levantar-se a nosso lado e outra vez sua respiração morna bateu em nosso rosto.

— Estende as mãos para lá — dissemos a ele. — Ali há alguém que nos conhece.

Ele deve ter estendido a mão; deve ter andado até onde indicamos, porque, um instante depois, voltou para nos dizer:

— Acho que é um menino.

E dissemos a ele:

— Está bem, pergunte se nos conhece.

Ele fez a pergunta. Ouvimos a voz apática e ingênua do menino que dizia:

— Sim, eu os conheço. São os três homens a quem os alcaravões arrancaram os olhos.

Então falou uma voz adulta. Uma voz de mulher que parecia estar atrás de uma porta fechada, dizendo:

— Já está falando sozinho.

E a voz infantil disse despreocupadamente:

— Não. É que aqui estão outra vez os homens de quem os alcaravões arrancaram os olhos.

Ouviu-se um ruído de dobradiças e, logo, a voz adulta, mais próxima que da primeira vez.

— Leve-os à sua casa — disse.

E o menino disse:

— Não sei onde vivem.

E a voz adulta disse:

— Não seja mau. Todo mundo sabe onde vivem desde a noite em que os alcaravões arrancaram seus olhos.

Em seguida, continuou falando em outro tom, como se se dirigisse a nós:

— O que acontece é que ninguém quis acreditar e dizem que foi uma falsa notícia dos jornais para aumentar as vendas. Ninguém viu os alcaravões.

E nós dissemos:

— Mas ninguém acreditaria em mim se eu os levo pela rua.

Nós não nos mexíamos; estávamos quietos, recostados na parede, ouvindo-a. E a mulher disse:

— Se ele quer levá-los é diferente. Afinal de contas, ninguém daria importância ao que disser um menino.

A voz infantil interveio:

— Se saio à rua com eles e digo que são os homens a quem os alcaravões arrancaram os olhos, os meninos me atirariam pedras. Todo mundo diz na rua que isso não pode acontecer.

Houve um instante de silêncio. Em seguida, a porta voltou a se fechar, e o menino voltou a falar:

— E depois, agora estou lendo *Terry e os piratas*.

Alguém nos disse ao ouvido:

— Vou convencê-lo.

Arrastou-se até onde estava a voz.

— Eu gosto disso — disse. — Pelo menos, conte o que aconteceu a Terry esta semana.

Está tentando conquistar sua confiança, pensamos. Mas o menino disse:

— Isso não me interessa. A única coisa que me agrada é o colorido.

— Terry estava em um labirinto — dissemos.

E o menino disse:

— Isso foi na sexta-feira. Hoje é domingo e o que me interessa é o colorido — disse-o com a voz fria, desapaixorada, indiferente.

Quando o outro regressou, dissemos:

— Estamos há uns três dias perdidos e não descansamos uma só vez.

E um disse:

— Está bem. Vamos descansar um pouco, mas sem soltar-nos as mãos.

Sentamo-nos. Um invisível sol morno começou a aquecer-nos os ombros. Mas nem mesmo a presença do sol nos interessava. Nós a sentíamos aí, em qualquer parte, tendo perdido já a noção das distâncias, da hora, das direções. Passaram várias vozes.

— Os alcaravões nos arrancaram os olhos — dissemos.

E uma das vozes disse:

— Estes levaram a sério os jornais.

As vozes desapareceram. E continuamos sentados, assim, ombro contra ombro, esperando que naquele passar de vozes, naquele de imagens passasse um cheiro ou uma voz conhecidos. O sol continuou aquecendo nossas cabeças. Então alguém disse:

— Vamos outra vez até a parede.

E os outros, imóveis, com a cabeça levantada para a claridade invisível:

— Ainda não. Esperemos, pelo menos, que o sol comece a arder em nosso rosto.

ISABEL VENDO CHOVER EM MACONDO



O inverno precipitou-se em um domingo à saída da missa. A noite de sábado tinha sido sufocante. Mas ainda na manhã de domingo não se pensava que pudesse chover. Depois da missa, antes que nós mulheres tivéssemos tempo de encontrar o fecho das sombrinhas, soprou um vento espesso e escuro, que varreu em uma ampla volta redonda o pó e a dura seca de maio. Alguém disse junto a mim: “É vento de água.” E eu já sabia. Desde quando saímos do átrio e me senti estremecida pela viscosa sensação no ventre. Os homens correram para as casas vizinhas com uma mão no chapéu e um lenço na outra, protegendo-se do vento e da polvadeira. Então choveu. E o céu virou uma substância gelatinosa e gris que esvoaçou a um palmo de nossas cabeças.

Durante o resto da manhã, minha madrastra e eu estivemos sentadas junto ao corrimão, alegres de que a chuva revitalizasse o alecrim e o nardo, sedentos nos canteiros, depois de sete meses de verão intenso, de pó abrasante. Ao meio-dia parou a reverberação da terra e um cheiro a chão revolvido, a revivida e renovada vegetação, confundiu-se com o fresco e saudável cheiro da chuva com o alecrim. À hora do almoço, meu pai disse: “Quando chove em maio é sinal de que haverá boas águas.” Sorridente, atravessada pelo fio luminoso da nova estação, minha madrastra disse: “Isso você ouviu no sermão.” E meu pai sorriu. E almoçou com grande apetite, e até teve uma gostosa digestão junto ao corrimão, silencioso, com os olhos fechados mas sem dormir, como para acreditar que sonhava acordado.

Choveu durante toda a tarde em um só ritmo. Na intensidade uniforme e aprazível, ouvia-se cair a água como quando se viaja toda a tarde em um trem. Mas sem que o percebêssemos, a chuva estava penetrando muito fundo em nossos sentidos. Na madrugada de segunda-feira, quando

fechamos a porta para evitar o ventinho cortante e gelado que soprava do pátio, nossos sentidos estavam enfiados pela chuva. E na manhã de segunda-feira, estavam saturados. Minha madrastra e eu voltamos a contemplar o jardim. A terra áspera e sombria de maio transformara-se durante a noite em uma substância escura e pastosa, parecida a sabão ordinário. Um jorro de água começava a correr entre as jardineiras. “Acho que durante a noite toda tiveram água de sobra”, disse minha madrastra. E eu percebi que deixara de sorrir e que a sua alegria do dia anterior se transformara em uma seriedade frouxa e entediada. “Acho que sim — disse. — Será melhor que os empregados ponham as jardineiras no corredor, enquanto estia a chuva.” E assim o fizeram, enquanto a chuva crescia como uma árvore imensa sobre as árvores. Meu pai ocupou o mesmo lugar do domingo de tarde, mas não falou da chuva. Disse: “Deve ser porque ontem dormi mal, hoje amanheci com a espinha doendo.” E ficou ali, sentado junto ao corrimão, com os pés em uma cadeira e a cabeça voltada para o jardim vazio. Só ao entardecer, depois que se negou a almoçar, disse: “É como se não fosse estiar nunca.” E eu me lembrei dos meses de calor. Me lembrei de agosto, daquelas sextas longas e atordoadas em que nos lançávamos para morrer sob o peso da hora, com a roupa grudada ao corpo pelo suor, ouvindo lá fora o zumbido insistente e surdo da hora que não passa. Vi as paredes lavadas, as junções da madeira dilatadas pela água. Vi o jardimzinho, vazio pela primeira vez, e o jasmineiro no muro, fiel à lembrança de minha mãe. Vi meu pai sentado na cadeira de balanço, as vértebras doloridas recostadas em um travesseiro, e os olhos tristes, perdidos no labirinto da chuva. Me lembrei das noites de agosto, em cujo silêncio maravilhoso não se ouve nada mais que o ruído milenário que a Terra faz girando no eixo enferrujado e não lubrificado. Subitamente, me senti surpreendida por uma tristeza opressiva.

Choveu durante toda a segunda-feira, como no domingo. Mas então, parecia como se estivesse chovendo de outro

modo, porque algo diferente e amargo acontecia em meu coração. Ao entardecer uma voz disse junto à minha cadeira: “É aborrecida esta chuva.” Sem que eu me virasse para olhar, reconheci a voz de Martim. Sabia que ele estava falando da cadeira do lado, com a mesma expressão fria e atordoada que não mudara nem mesmo depois daquela sombria madrugada de dezembro em que começou a ser meu esposo. Passaram cinco meses desde então. Agora eu ia ter um filho. E Martim estava ali, a meu lado, dizendo que a chuva o aborrecia. “Aborrecida, não — disse. — O que me parece muito triste é o jardim vazio e essas pobres árvores que não se pode tirar do pátio.” Então me virei para olhá-lo e Martim já não estava ali. Era apenas uma voz que me dizia: “Pelo que se vê, não pensa em estiar nunca”, e quando olhei para a voz só encontrei a cadeira vazia.

Na terça-feira amanheceu uma vaca no jardim. Parecia um promontório de argila em sua imobilidade dura e rebelde, as pezuñas afundadas no barro e a cabeça vencida. Durante a manhã os empregados tentaram afugentá-la com paus e pedras. Mas a vaca permaneceu imperturbável no jardim, dura, inviolável, as pezuñas ainda afundadas no barro e a enorme cabeça humilhada pela chuva. Os empregados a acossaram até que a paciente tolerância do meu pai veio em sua defesa: “Deixem a vaca tranquila — disse. — Ela irá embora como veio.”

Ao entardecer de terça-feira a água apertava e doía como uma mortalha no coração. O frescor da primeira manhã começou a se transformar em uma umidade quente e pastosa. A temperatura não era fria nem quente; era uma temperatura de calafrio. Os pés suavam dentro dos sapatos. Não se sabia o que era mais desagradável, se a pele exposta ou o contato da roupa na pele. Na casa cessara toda a atividade. Sentamos no corredor, mas já não olhávamos a chuva como no primeiro dia. Já não a sentíamos cair. Já não víamos senão o contorno das árvores na névoa, em um entardecer triste e desolado, que deixava nos lábios o mesmo sabor com o qual a gente acorda depois de ter sonhado com

uma pessoa desconhecida. Eu sabia que era terça-feira e me lembrava das gêmeas de São Jerônimo, as meninas cegas que, todas as semanas, vêm aqui para cantar canções simples, entristecidas pelo amargo e desamparado prodígio de suas vozes. Por sobre a chuva eu ouvia a cançãozinha das gêmeas cegas e as imaginava em sua casa, acoradas, aguardando que parasse a chuva para sair e cantar. Neste dia, as gêmeas de São Jerônimo não viriam, pensava eu, nem a mendiga estaria no corredor, depois da sesta, pedindo, como em todas as terças-feiras, o eterno raminho de erva-cidreira.

Nesse dia alteramos a ordem das refeições. Minha madrastra serviu, na hora da sesta, um prato de sopa simples e um pedaço de pão dormido. Mas, de verdade, não comíamos desde o entardecer de segunda-feira e acho que desde então deixamos de pensar. Estávamos paralisados, narcotizados pela chuva, entregues ao desmoronamento da natureza, em uma atitude pacífica e resignada. Só a vaca se mexeu de tarde. De repente, um profundo rumor sacudiu suas entranhas e as pezuinhas se afundaram no barro com maior força. Logo ficou imóvel durante meia hora, como se estivesse morta, mas ainda não desabara porque a impedia o costume de estar viva, o hábito de estar em uma mesma posição sob a chuva, até que o costume foi mais fraco que o corpo. Então dobrou as patas dianteiras (erguidas, ainda, em um último esforço agônico, as ancas brilhantes e escuras), afundou o focinho babante no lodaçal e se rendeu, afinal, ao peso de sua própria matéria, em uma silenciosa, gradual e digna cerimônia de total desabamento. “Chegou até aí”, disse alguém às minhas costas. E eu me virei para olhar e vi no umbral a mendiga das terças-feiras, que se aproximava, por entre a tormenta, para pedir o raminho de erva-cidreira.

Talvez na quarta-feira eu tivesse me acostumado a esse ambiente surpreendente se ao chegar à sala não encontrasse a mesa encostada à parede, os móveis amontoados em cima dela, e do outro lado, em um parapeito improvisado durante a noite, os baús e as caixas com os utensílios domésticos. O

espetáculo produziu em mim uma terrível sensação de vazio. Algo tinha acontecido durante a noite. A casa estava em desordem, os empregados, sem camisa e descalços, com as calças arregaçadas até os joelhos, transportavam os móveis para a sala de jantar. Na expressão dos homens, na própria diligência com que trabalhavam, percebia-se a crueldade da rebeldia frustrada, da forçosa e humilhante inferioridade sob a chuva. Eu me mexia sem direção, sem vontade. Me sentia transformada em uma pradaria desolada, semeada de algas e líquens, de fungos viscosos e moles, fecundada pela repugnante flora da umidade e das trevas. Eu estava na sala, contemplando o triste espetáculo dos móveis amontoados, quando ouvi a voz de minha madrastra no quarto, me avisando que podia pegar uma pneumonia. Só então notei que a água batia nos meus tornozelos, que a casa estava inundada, o chão coberto por uma superfície grossa de água viscosa e morta.

Ao meio-dia de quarta-feira não acabara de amanhecer. E antes das três da tarde a noite entrara toda, antecipada e doentia, com o mesmo lento e monótono e desapiedado ritmo da chuva no pátio. Foi um crepúsculo prematuro, suave e lúgubre, que cresceu em meio ao silêncio dos empregados, que se acocoraram nas cadeiras, junto às paredes, rendidos e impotentes ante a agitação da natureza. Foi então que começaram a chegar notícias da rua. Ninguém as trazia para casa. Simplesmente chegavam, precisas, individualizadas, como conduzidas pelo barro líquido que corria pelas ruas e arrastava objetos domésticos, coisas e coisas, destroços de uma remota catástrofe, escombros e animais mortos. Fatos ocorridos no domingo, quando ainda a chuva era o anúncio de uma estação providencial, tardaram dois dias para serem conhecidos em casa. E na quarta-feira chegaram as notícias, como empurradas pelo próprio dinamismo interior da tormenta. Soube-se, então, que a igreja estava inundada e se esperava seu desabamento. Alguém que não tinha por que sabê-lo, disse essa noite: “O trem não pode passar na ponte desde segunda-feira. Parece que o rio levou os trilhos.” E se

soube que uma mulher doente desaparecera do seu leito e fora encontrada nessa tarde flutuando no pátio.

Aterrorizada, dominada pelo espanto e pelo dilúvio, me sentei na cadeira de balanço com as pernas encolhidas e os olhos fixos na escuridão úmida e cheia de pensamentos turvos. Minha madrastra apareceu no vão da porta, com o lampião no alto e a cabeça erguida. Parecia um fantasma familiar diante do qual eu não sentia sobressalto algum, porque eu mesma participava de sua condição sobrenatural. Veio até onde eu estava. Mantinha, ainda, a cabeça erguida e o lampião no alto, e chapinhava na água do corredor. “Agora temos que rezar”, disse. E eu vi seu rosto áspero e enrugado, como se acabasse de abandonar uma sepultura ou como se fosse fabricado com uma substância diferente da humana. Estava diante de mim, com o rosário na mão, dizendo: “Agora temos que rezar. A água rompeu as sepulturas e os pobrezinhos dos mortos estão flutuando no cemitério.”

Talvez tenha dormido um pouco essa noite quando acordei sobressaltada por um cheiro acre e penetrante como o dos corpos em decomposição. Com força, sacudi Martim, que roncava a meu lado. “Não está sentindo?”, disse a ele. E ele disse: “O quê?” E eu disse: “O cheiro. Devem ser os mortos que estão flutuando pelas ruas.” Eu me sentia aterrorizada por aquela ideia, mas Martim se virou para a parede e disse, com voz rouca e adormecida: “Você está imaginando. As mulheres grávidas andam sempre imaginando coisas.”

Ao amanhecer de quinta-feira pararam os cheiros, perdeu-se o sentido das distâncias. A noção do tempo, transtornada desde o dia anterior, desapareceu por completo. Então não houve quinta-feira. O que devia ser a quinta-feira foi uma coisa física e gelatinosa, que a gente poderia afastar com as mãos para surgir a sexta-feira. Ali não havia homens nem mulheres. Minha madrastra, meu pai, os empregados eram corpos adiposos e improváveis, que se movimentavam no lodaçal do inverno. Meu pai me disse: “Não se mexa daqui até que lhe diga o que fazer”, e sua voz era distante e indireta e

não parecia perceber-se com os ouvidos, sim com o tato, que era o único sentido que permanecia em atividade.

Mas meu pai não voltou: se perdeu no tempo. Assim, quando chegou a noite, chamei minha madrastra para lhe dizer que me acompanhasse ao quarto. Tive um sono pacífico, sereno, que se prolongou ao longo de toda a noite. No dia seguinte, a atmosfera continuava igual, sem cor, sem cheiro, sem temperatura. Tão logo acordei, corri para um banco e permaneci imóvel, porque alguma coisa me dizia que uma zona da minha consciência ainda não tinha despertado por completo. Então ouvi o apito do trem. O apito prolongado e triste do trem, fugindo para além dos montes. “Deve ter estiado em algum lugar”, pensei, e uma voz às minhas costas pareceu responder ao meu pensamento: “Onde...”, disse. “Quem está aí?”, disse eu, olhando. E vi minha madrastra com um braço longo e esquelético apontando a parede. “Sou eu”, disse. E eu disse a ela: “Está ouvindo?” E ela disse que sim, que talvez tivesse estiado nos arredores e consertado as linhas. Logo, me entregou uma bandeja com o café da manhã fumegante. Aquilo cheirava a molho de alho e a manteiga quente. Era um prato de sopa. Surpreendida, perguntei à minha madrastra que horas eram. E ela, calmamente, com uma voz que soava como uma prostrada resignação, disse: “Devem ser duas e meia, mais ou menos. O trem não está atrasado, apesar de tudo.” Eu disse: “Duas e meia! Como pude dormir tanto!” E ela disse: “Você não dormiu muito. Quando muito, serão três.” E eu, tremendo, sentindo o prato escorregar de minhas mãos: “Duas e meia de sexta-feira...”, disse. E ela, monstruosamente tranquila: “Duas e meia de quinta-feira, filha. *Ainda* duas e meia de quinta-feira.”

Não sei quanto tempo estive afundada naquele sonambulismo, em que os sentidos perderam o seu valor. Só sei que depois de muitas e incontáveis horas ouvi uma voz na peça vizinha. Uma voz que dizia: “Agora pode virar a cama para este lado.” Era uma voz fatigada, mas não voz de doente, sim de convalescente. Depois ouvi o ruído dos tijolos

na água. Permaneci rígida antes de perceber que me encontrava em posição horizontal. Então senti o vazio imenso. Senti o trepidante e violento silêncio da casa, a imobilidade incrível que afetava todas as coisas. E, subitamente, senti o coração transformado em uma pedra de gelo. “Estou morta — pensei. — Deus. Estou morta.” Dei um salto na cama. Gritei: “Ada, Ada!” A voz dura de Martim me respondeu do outro lado: “Não podem ouvir você porque estão lá fora.” Só então percebi que tinha estiado e que, à nossa volta, se estendia um silêncio, uma tranquilidade, uma beatitude misteriosa e profunda, um estado perfeito que devia ser muito parecido à morte. Depois se ouviram passos no corredor. Ouviu-se uma voz clara e inteiramente viva. Em seguida, um ventinho fresco sacudiu a folha da porta, fez ranger a dobradiça, e um corpo sólido e transitório, como uma fruta madura, caiu profundamente no tanque do pátio. Algo no ar denunciava a presença de uma pessoa invisível que sorria na escuridão. “Meu Deus — pensei então, confundida pela confusão do tempo. — Agora não me surpreenderia se me chamassem para assistir à missa do domingo passado.”

* * *

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Cem anos de solidão

Wikipédia do autor:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriel_Garc%C3%ADa_M%C3%A1rquez

Livros do autor:

http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=793

Skoob do autor:

<https://www.skoob.com.br/autor/37-gabriel-garcia-marquez>

Goodreads do autor:

https://www.goodreads.com/author/show/13450.Gabriel_Garc_a_M_rquez

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

cem anos de solidão



Cem anos de solidão

Márquez, Gabriel García

9788501116550

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro mais importante de Gabriel Garcia Márquez. Neste que é um dos maiores clássicos da literatura, o prestigiado autor narra a incrível e triste história dos Buendía – a estirpe de solitários para a qual não será dada "uma segunda oportunidade sobre a terra" e apresenta o maravilhoso universo da fictícia Macondo, onde se passa o romance. É lá que acompanhamos diversas gerações dessa família, assim como a ascensão e a queda do vilarejo. Para além dos artifícios técnicos e das influências literárias que transbordam do livro,

ainda vemos em suas páginas o que por muitos é considerado uma autêntica enciclopédia do imaginário, num estilo que consagrou o colombiano como um dos maiores autores do século XX.

[Compre agora e leia](#)

João Anzanello Carrascoza

Amores mínimos



segunda

Amores mínimos

Anzanello Carrascoza, João

9788501111364

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo livro de contos do vencedor do Jabuti João Carrascoza. O amor em todas as suas vertentes, entre pais e filhos, irmãos, amantes, amigos é o tema deste livro. Em Amores mínimos, Carrascoza aproxima sua prosa à poesia, e assim dissecar o sentimento que surge em qualquer fase da existência. Há aqui a ternura, a compaixão e a certeza de que as coisas pequenas, quase esquecíveis do nosso cotidiano, são as que fazem a grandeza da vida. Os contos são permeados de uma melancolia constante e contados com

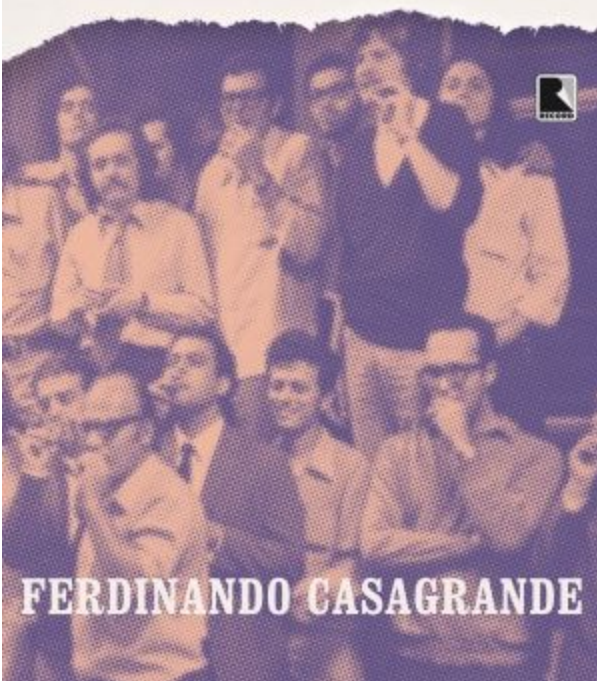
delicadeza e elegância. Em textos curtos e de alto impacto, Amores mínimos comprova seu nome como um dos destaques do cenário cultural contemporâneo.

[Compre agora e leia](#)

VENCEDOR DO PRÊMIO LIVRO-REPORTAGEM AMAZON 2019

jornal da tarde

UMA OUSADIA QUE REINVENTOU A IMPRENSA BRASILEIRA



FERDINANDO CASAGRANDE

Jornal da Tarde

Casagrande, Ferdinando

9788501118363

351 páginas

[Compre agora e leia](#)

Obra vencedora do Prêmio Amazon de Livro-Reportagem. Ao contar a história do Jornal da Tarde, neste livro vencedor do Prêmio Amazon de Livro-Reportagem, Ferdinando Casagrande traz exemplos de como a profissão de jornalista entusiasma, empolga, encanta. Ninguém sentia os sacrifícios exigidos na busca da informação e no esmero ao apresentá-la com brilho e clareza, de maneira que o leitor se sentisse atraído e, de imediato, entendesse o que lhe era oferecido para ler. A equipe inteira se empenhava nisso, todos vibravam a cada

edição. Todos tinham consciência de que estavam produzindo o jornal mais criativo do Brasil. Estudiosos do jornalismo com certeza perceberão que o JT de 1968 introduziu um jeito novo, diferente, de iniciar o texto jornalístico, até então dominado pela fórmula consolidada uma década antes pelo Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro. O autor mergulha nas mais de quatro décadas e meia de glória e derrocada do notável jornal da família Mesquita. É trabalho de fôlego, como o leitor verá. Tomou a decisão de escrevê-lo quando deixou o jornal, poucos anos antes do fim. E acabou nos legando, com sucesso, não o obituário, mas a história completa, de excelente leitura.

[Compre agora e leia](#)



O último reino - Crônicas saxônicas - vol. 1

Cornwell, Bernard

9788501058577

364 páginas

[Compre agora e leia](#)

O ÚLTIMO REINO é o primeiro romance de uma série que contará a história de Alfredo, o Grande, e seus descendentes. Aqui, Cornwell reconstrói a saga do monarca que livrou o território britânico da fúria dos vikings. Pelos olhos do órfão Uthred, que aos 9 anos se tornou escravo dos guerreiros no norte, surge uma história de lealdades divididas, amor relutante e heroísmo desesperado. O ÚLTIMO REINO não se resume a cenas de batalhas bem escritas e reviravoltas cheias de ação e

suspense. O livro apresenta os elementos que consagraram Cornwell: história e aventura na dose exata. Uma fábula sobre guerra e heroísmo que encanta do início ao fim.

[Compre agora e leia](#)

"Um thriller digno de Hollywood." EW



A PACIENTE SILENCIOSA

ALEX
MICHAELIDES

A paciente silenciosa

Michaelides, Alex

9788501116536

350 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um assassinato, uma verdade oculta. As raízes do silêncio são muito mais profundas do que se pode imaginar. Alicia Berenson escreve um diário para colocar suas ideias em ordem. Ele é tanto uma válvula de escape quanto uma forma de provar ao seu adorado marido que está bem. Ela não consegue suportar conviver com a ideia de que está deixando Gabriel preocupado, de que está lhe causando algum mal. Alicia Berenson tinha 33 anos quando matou seu marido com cinco tiros. E nunca mais disse uma palavra. O psicoterapeuta forense Theo Faber

está convencido de que é capaz de tratar Alicia, depois de tantos outros falharem. E, se ela falar, ele será capaz de ouvir a verdade?

[Compre agora e leia](#)